

-0. Nov. 1998

1224



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 82 — Lisboa, 10 de Dezembro de 1942

PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

Lina Duval, a graciosa bailarina portuguesa que é pela sua arte insinuante uma das figuras mais populares do nosso teatro. Será, ao que nos consta, a principal intérprete feminina de um novo filme português a realizar brevemente.

(Foto Jorge Garcia)



DR. JÚLIO DANTAS

Alta figura da mentalidade portuguesa. Acaba de ser eleito, de novo, e por unanimidade, para a presidência da Academia de Ciências de Lisboa.



ALMIRANTE GAGO COUTINHO

Figura eminente de sábio de projecção mundial. Seguiu há dias, a bordo do «Nissas», para o Rio de Janeiro, onde vai passar uma longa temporada.



DR. ALFREDO DA CUNHA

Jornalista distinto, que à frente do «Diário de Notícias», como director, marcou, na sua época, um dos primeiros lugares da nossa imprensa. Escritor e poeta, era sócio da Academia das Ciências. Falleceu recentemente em Lisboa



FERNANDO FRAGOSO

Distinto jornalista cinematográfico, um dos nossos melhores colaboradores, foi escolhido pelo Sub-Secretário das Corporações para gerir o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema.

AQUI entre NÓS



ACÓRCIO PEREIRA

Um dos primeiros nomes da nossa imprensa. Escritor, também, de forte personalidade, acaba de publicar um livro de novelas intitulado «Horas, minutos, segundos». Tem no prelo outro livro destinado a grande êxito: «Os 295 dias que abalaram a França», edição de «Vida Mundial».



DR. AUGUSTO DE CASTRO

Um dos nossos mais brilhantes escritores. É há 21 anos sócio da Academia. Tendo, porém, estado carente no estrangeiro no desempenho do seu alto cargo diplomático, só agora foi chamado à efectividade de sócio da douta assembleia, na vaga aberta pela morte do Dr. Alfredo da Cunha.



EDUARDO DIAS

Escritor de provados méritos, culto e viajado. Tem já uma obra literária notável, consagrada ao estudo do mundo árabe e muçulmano. A essa obra vem de acrescentar mais um livro curiosíssimo: «O Islão na Índia».

Inventário & Balanço

«PRIMUM, VIVERE...»

Anda o mundo atormentado, com os sofrimentos impostos pela guerra. São de supor—mesmo de longe—os sofrimentos dos próprios que se batem. Mas quantos, alheios à contenda—sem dela mais quererem saber da que o meio de lhe pôr termo ou aliviar as dores dos que nela pelejam—quantos sofrem ainda as suas conseqüências? Quantos?... Bem se poderia contar nesse número o total da população do globo—e são essas conseqüências, por assim dizer de reflexo, aquelas de que nós padecemos. A crise, proveniente de uma verdadeira multidão de causas externas—que se resumem, afinal, na quasi total suspensão das trocas internacionais—não podia deixar de bater-nos à porta e cada um compreenderá sem esforço que seja mesmo assim. Que fazer? Que remédios para tudo isso? Certa filosofia de um adágio latino recomendava que «primum, vivere; post, philophare». Eis do que se trata: de garantir à população os seus meios de vida, pedindo à terra a certeza do nosso sustento. É nessa política de necessidades que se filia a iniciativa das Jornadas Agronómicas, que durante alguns dias fizeram chegar à luz da discussão problemas dos mais instantes da nossa economia agrícola. Não basta, com efeito, deter a terra e fazer dela mais ou menos belo jardim: importa saber dela extrair toda a riqueza que a sua fecundidade promitente põe ao alcance das nossas possibilidades. Ai está a hora de dizerem os técnicos a sua palavra. E a hora de ser essa palavra escutada—sem que se façam ouvidos de mercador.

«NOBLESSE OBLIGE...»

A morte do dr. Alfredo da Cunha fêz evocar muitos aspectos da profissão de jornalista, que por aquêle distinto escritor foi exercida com o mais nobre apuro moral e intelectual. Na verdade, se o jornalismo é uma profissão—e o exercício profissional faz implicar, evidentemente, a idéa da actividade remunerada para fazer face às exigências quotidianas da vida—deve aotar-se que muito raros serão os ofícios em que o profissional tantas vezes tenha que fazer apêlo à sua consciência para lhe pedir conselho. Porque não se trata de pintar uma parede de verde em vez de côr de grão, nem de cortar redondas as pontas de casaco que a moda reclame que se cortem em bico: tudo isso são coisas passageiras sem nenhum significado social. Com o profissional das letras tudo é diferente, pois cada palavra que lhe escorra do bico da caneta pode ter—deve ter—a sua influência sobre as multidões avidas de saber. A profissão, por isso, é da mais alta nobreza. Razão de sobra para que quantos a exercem tenham o permanente escrúpulo de fazer e saber fazer o seu exame de consciência.

ENTERRAR OS MORTOS...

Um desabamento em Guimarães causou 10 mortos e umas tantas dezenas de feridos. Num país como o nosso—onde os grandes desastres, felizmente, são raros—tais cifras tomam vulto de catástrofe. Compreende-se a verdade da frase corriqueira: a cidade está de luto. Para além da dor pelos que morreram, há a lição a extrair para acatelar o futuro. Não será fácil garantir uma fiscalização rigorosa sobre as condições de segurança de todos os locais onde se registam grandes aglomerações? De mais a mais—supomos—tratava-se de um monumento nacional, em que tanto há que certificar a sua segurança como a de quantos o visitam.

vales? Só se fôr a lingua das mulheres!

III

SERIA profundamente supérfluo ir descrever, nestas leves anotações, o papel desempenhado pelo aeroplano, não apenas na guerra mas na paz. Se os meios de transporte podem definir e caracterizar uma idade, bem pode afirmar-se que estamos na idade do avião. Neste campo as fantasistas previsões de Júlio Verne, dêsse Júlio Verne que foi o encanto das crianças e das convalescentes no dizer dum homem ilustre, vão-se confundindo com as grandes realidades. Não será, porém, profundamente supérfluo lembrar aos que porventura se tenham esquecido deste pequenino facto histórico que a maravilhosa máquina de voar resultou do invento dum português, que imaginou o aerostato, e do consecutivo aperfeiçoamento dessa engenhosa descoberta, aperfeiçoamento a que está ligado um brasileiro ilustre—que tornou dócil e dirigível o balão.

Que a nossa modéstia se não ruborize ao recordar estas coisas!

III

A história repete-se. A moda, também. Por isso mesmo está-se procurando ressurgir e impor, nos domínios da elegância feminina, os chapéus de 1900—esses largos chapéus, enormes, povoados de coisas imensas, pássaros, plumas, fitas, flores, e que, constituindo, ao tempo, o encanto de todas as mulheres, se tornaram—iamos a escrever logicamente—o suplicio de todos os homens. Calcule-se se a moda pega—e decerto pega exactamente porque é moda—calcule-se o que será, por exemplo, a plataforma dum eléctrico repleta de gente, e ainda por cima espantosamente cheia de algumas dezenas de chapéus *dernier cri!* É caso para perguntar que mais suplicios estarão reservados, na hora que passa, a esta pobre humanidade, tão cansada já de sofrimentos? Não resta dúvida. «O que há de realmente grave no mundo—já o dizia uma modista do século XVIII—não é a forma dos governos: é a forma dos chapéus».

01.º de Dezembro Dia da Mocidade Portuguesa



A «Mocidade Portuguesa» celebrou solenemente a Festa da Independência—e fê-lo com galhardia e alto espírito patriótico. Cerca de 2.000 filiados da «M. P.», desfilaram do Terreiro do Paço até junto do monumento dos Restauradores, onde a marcha cessou. Formaram, depois de ter passado em continência. Em seguida, o sr. dr. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, em nome do Chefe do Estado, depôs uma palma no sopé do monumento. As gravuras mostram-nos aspectos do desfile e da cerimónia na Praça dos Restauradores.



ILUSTRIRTE ZEITUNG

LEIPZIG

Publica mais um número extraordinário de Natal
DO SUMÁRIO CONSTA:

A luta da Europa em pró da liberdade e da unidade — Balanço do ano.

O Reich no coração do continente — As guerras defensivas da Europa através dos séculos (843-1943).

O pensamento heróico na Arte europeia.

O caminho para o classicismo europeu.

Pintura monumental do Sudeste — Uma herança bizantina.

A arte de habitação de Frederico o Grande — Rhelnsberg, Berlin, Charlottenburg, Potsdam, Sans-Souci.

A música de Mozart na Europa.

O amor à Natureza.

Nobreza do corpo — O pensamento olimpico da Europa.

Poetas nórdicos na cena alemã — Ibsen, Bjornson, Strindberg, Holberg.

Figuras poéticas dos povos — Representações poéticas que fizeram época através da Europa: Fausto, Don Quijote, Cid, Figaro, Carmen, etc.

UM GROSSO VOLUME ARTÍSTICAMENTE ILUSTRADO digno de figurar em todas as colecções

Distribuição de AGENCIA INTERNACIONAL — 119, Rua de S. Nicolau - LISBOA

Acaba de aparecer o

1.º NUMERO

DE

"O ESPELHO DO CONTINENTE"

Uma revista quinzenal diferente de todas as outras

Sumário

- 1. Estudos literários: Amante de Berlin
- 2. O Reich no coração do continente
- 3. A música de Mozart na Europa
- 4. N.º 1
- 5. O amor à Natureza
- 6. A arte de habitação de Frederico o Grande
- 7. A pintura monumental do Sudeste
- 8. A música de Mozart na Europa
- 9. O pensamento heróico na Arte europeia
- 10. O caminho para o classicismo europeu
- 11. A luta da Europa em pró da liberdade e da unidade
- 12. Balanço do ano
- 13. O Reich no coração do continente
- 14. A música de Mozart na Europa
- 15. O amor à Natureza
- 16. Nobreza do corpo
- 17. Poetas nórdicos na cena alemã
- 18. Figuras poéticas dos povos

ANO 1 • 1.º Número de Dezembro de 1942

32 páginas profusamente ilustradas em magnifico papel

Esc. 1\$60

CARTA BRANCA

SER CONTRA...

Pelo Dr. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS

Meu caro — Tenho um amigo que tem a mania de ser contra. Nisto da guerra, por exemplo — éle é que o diz — é contra os ingleses e os italianos, contra os russos e os alemães, contra os americanos, contra os chineses e contra os súbditos de S. M. o Mikado.

É-se levado, à primeira vista, a dizer que é uma posição como outra qualquer, mas não é. Pelo contrário, será exactamente, rigorosamente, uma falta de posição.

Feitas as contas, no entanto, ainda é possível dar-lhe razão. Isto de andarem os homens em guerra, por muito fortes motivos que a isso os tivessem levado, é uma coisa tão má que só encontra defesa de circunstância, puramente ocasional — e nessa altura cada um a defenderá com o calor que se põe sempre na defesa de uma causa que se julga justa, pois cada homem julga sempre que a justiça é o seu próprio interesse. A verdade é que nós não fomos feitos para matar nem para nos deixarmos matar, mas para curar o sofrimento do pobre que passa ao nosso lado — ou para ir ao médico se nos dói o tornozelo, porque a nossa rica perna é coisa que nos faz muito bom jeito para passear, para jogar o futebol e até para não parecermos aleijados...

Quere isto dizer que cada um de nós atribue a qualquer pedaço do seu corpo um valor de coisa rara, tão preciosamente rara que é absolutamente, integralmente única, tão constitucionalmente insubstituível, que cada um de nós, se tiver perna de pau ou garganta de prata, há-de

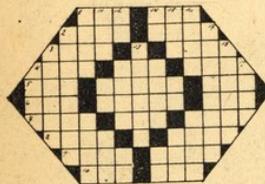
fazer o possível por disfarçar a maleita, convencidos como todos estamos, com o mais sério e inquebrantável fundamento, que andamos no mundo para viver inteiros e de saúde, e não côxos ou raquíticos. E muito mais ainda: que andamos cá para viver e não para morrer. E isto é tão verdade, tão matematicamente verdade, que vivemos vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta anos — e morremos num relâmpago. Quere dizer, como diria o dr. Assis: passamos a vida a viver — e só morremos uma vez...

Qualquer bom cavador de enxada é capaz de se desentranhar em raciocínio tão puro como este, habituado como está a lidar com a terra e a conversar com os seus botões, conselheiros desinteressados e fiéis — pois não consta que na indumentária do bom cavador da terra tenha aparecido também a moda do fechinho «clair», que fol, por sinal, o último «relâmpago» em moda antes da moda do «blitz»...

Voltando ao cavador, às pernas, à guerra e à filosofia do meu amigo: não é verdade que os campos estão mesmo um primor, perfumados e verdes que é um apetite? E não é verdade que tudo isso nos convida a viver a vida na mais angelical e bucólica paz? Não é verdade que tudo isso deveria ser bastante, só por si, para nos fazer esquecer todo o brutal instinto que nos arrasta, desde que o mundo é mundo, para o sorvedouro inglório das guerras? O meu amigo tem razão: é contra...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 51



HORIZONTAIS: 1 — Belo; 2 — Leito; Aversão; 3 — Quinhão; Esquilo, da ordem dos roedores; 4 — Defeito; Semelhante; Terreiro onde se debulha trigo; 5 — Temporada; Estravagância; Vale; 6 — Ofensa; Corte na pena, para escrever; Planta labiada, espécie de genipi; 7 — Perspicácia; Mulher de pequena estatura; Erva doce; 8 — Pref. (indic. de opposição); Garra; 9 — Nádega; Homem esperto; 10 — Pref. (desi-

gnativo de ar); Bom; 14 — Simplex.

VERTICAIS: 1 — Mãe; Filha de Coelo e da Terra; 2 — Encrustação calcária e variegada de uma espécie de alga; 3 — Máscara; 4 — Sujito; 11 — Nome de mulher; Prejudicial; Erga; 12 — Nota musical; Bofetão; Talhe; 13 — Paulada; 14 — Prisão; Viola; Art. fem. pl. 15 — Gasta; Prep. e artigo; O mesmo que fula-fula; 16 — Acre; Cordeiro; 17 — Profeta; 18 — Língua árabe; 19 — Fileira (pl.).

SOLUÇÃO DO N.º 50

HORIZONTAIS: 1 — Côr; Dom; 2 — Ala; Avo; 3 — Sol; Tal; 4 — Ore; Ara; 5 — Rã; 6 — Ir; 7 — Vil; Mar; 8 — Ira; Ide; 9 — Dai; Aia; 10 — Era; Sal.

VERTICAIS: 1 — Caso; Vide; 2 — Olor; Irar; 3 — Rã; Laia; 4 — Ri; 5 — Ar; 6 — Data; Mias; 7 — Ovar; Adia; 8 — Mola; Real.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL



O gato foi sempre um animal digno de particular estima do homem — e, sobretudo, da mulher. Pode argumentar-se que esta preferência especial (que Buffon nunca explicou nem justificou através dos seus, desta vez mal humorados, punhos de renda) lhe advem mais dos seus defeitos do que das suas qualidades. Não importa, porém. Por uma coisa ou por outra, o certo é que o gato tem simpatias. Lisboa então gosta dos gatos como pouca gente. Não é só por uma questão de defesa, principalmente nas casas velhas, contra a destruição dos seus inimigos adorados — os ratos — mas, mais do que isso ainda, por uma espécie de tradicional superstição de que o gato possui a singular e apreciável virtude de dar sorte a quem o tiver em casa. Ao gato-Satanaz medieval; ao gato «sœur-farouche» da Renascença; ao gato sumptuoso do século XVII — sucedeu o gato-«mascotte» do século XVIII, cujo reinado se tem estendido até hoje. Ao gato, fêlina encarnação do diabo, sucedeu, pois, o gato expressão da felicidade. Em vez dos comentários pouco amáveis de alguns dos seus biógrafos primitivos, surgiram verdadeiras revoadas de elogios. As fogueiras do São João que constituíram, durante a Idade-Média, verdadeiros «autos-de-fé» para os vassalos de Minitagóris, converteram-se em luminosas apoteoses. Pois bem. A êste côro vimos juntar a nossa voz:

— Gato «super omnia»!

E aqui lhes apresentamos hoje um dos gatos mais célebres de Lisboa, neste momento. Chama-se — perdão... Ele deseja conservar o incógnito. Só lhes poderemos dizer que vive no Rossio, que é feliz como um Creso, e que a sua tentação — são as monras com as suas jóias, os seus «bibelots», os seus frascos de perfume, os seus maravilhosos «petits-riens». Todos os dias dá uma volta pela nossa «Puerta del Sol», detem-se nos «placards», olha-se, risinho, ao roda-pé de espelhos da «Loja das Meias», e — ou êle não fôsse, no fundo, um homem digno — dá uma sapatada na sua própria imagem, para castigar a sua própria volúpia. Um grande gato, enfim! Curvemo-nos perante o seu retrato — e façamos-lhes o nosso respeitoso «ron-ron»!

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo XV - A evolução americana

5

DEPOIS DA ELEIÇÃO

DUOCO depois da eleição do presidente Roosevelt, reventou em Washington um escândalo cujas repercussões se fizeram sentir dentro e fora do território dos Estados Unidos. Os meios dirigentes norte-americanos há muito que se vinham inquietando com a propagação dos agentes das potências do «eixo», os quais, em parte, influenciavam tanto o movimento isolacionista como a agitação que se registava em certos centros industriais. Nestes a influência dos agentes comunistas, numa fase da guerra em que a U. R. S. S. e o Reich estavam estreitamente associados, era também apontada como um factor de grande importância pelas autoridades norte-americanas. Para averiguar o que se passava com essa propaganda, a Administração tinha nomeado um magistrado, Martin Diez, ao qual foram outorgados largos poderes; o Congresso, por sua vez, escolheu uma comissão para o mesmo efeito, que começou a trabalhar pouco depois de ter sido empossada. O primeiro relatório desta comissão sobre as actividades estrangeiras nos Estados Unidos produziu verdadeira sensação. O Serviço Noticioso Transoceânico, dirigido pelo dr. Manfred Zapp, era apontado por ela como uma agência de propaganda, pura e simples, e não como uma agência informativa e noticiosa. Segundo se dizia no relatório da comissão, o dr. Zapp estava em contacto directo com o encarregado



Henry Ford

de negócios do Reich em Washington, dr. Hans Thomsen, de quem recebia os fundos indispensáveis para alimentar os serviços de propaganda em que superintendia. Um outro relatório, da autoria do magistrado investigador, Diez, referia-se mais pormenorizadamente à actividade da Livraria Alemã, cuja sede era New-York, e do Serviço de Informações dos Caminhos de Ferro alemães. Tanto o relatório da comissão parlamentar como o relatório Diez se referiam a tentativas de intervenção dos organismos de propaganda de que se ocupavam na política interna dos Estados Unidos, especialmente durante o período da campanha presidencial e nos dias que se seguiram à reeleição de Roosevelt. Os factos revelados produziram uma impressão funda nos meios americanos.

AS RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A U. R. S. S.

Ambos os relatórios se referiam também pormenorizadamente à actividade dos agentes comunistas nos Estados Unidos, condenando essa actividade como contrária à segurança e ao interesse nacional. Perante o movimento de protesto que provocou a divulgação daqueles documentos, o partido comunista norte-americano resolveu abandonar a Terceira Internacional. De maneira especial o relatório da comissão parlamentar verberava o procedimento dos dirigentes comunistas nos Estados Unidos, afirmando que estes obedeciam apenas às instruções que recebiam dos Sovietes.

O presidente Roosevelt associou-se pessoalmente ao debate para manter uma posição de equilíbrio que a acção crescente das organizações intervencionistas tornava indispensável. Como chefe da nação, éle procurava não tomar partido, embora a sua convicção estivesse feita e os seus sentimentos não constituíssem, para ninguém, matéria de segredo. As conveniências de ordem política e diplomática, que pesavam frequentemente nas suas resoluções, levaram-no a censurar o relatório Diez por entender que da sua divulgação nada de proveitoso poderia resultar.

As relações entre os Estados Unidos e a U. R. S. S. agravaram-se, durante esse período, em consequência dos factos revelados e das campanhas a que, em ambos os países, éles deram lugar na imprensa. O agravamento dessas relações levou o embaixador soviético em Washington, Oumanky, o procurar o subsecretário de Estado, Sumner Welles, a fim de procurar, junto d'elles, esclarecer a situação. Em Moscovo, apesar da irritação causada pela energia que as autoridades norte-americanas tinham revelado na repressão das actividades comunistas, não ignoravam que o problema fundamental do Japão, da sua existência e das suas aspirações, obrigavam os soviets a procurarem realizar uma política de amizade para com os Estados Unidos. Foi em obediência a esta regra predominante de política externa que o embaixador Oumanky foi, mais tarde, demittido e substituído por uma personalidade do primeiro plano na diplomacia soviética, Maximo Litvinov, antigo commissário do povo para os negócios estrangeiros.



Litvinov

UM DISCURSO SIGNIFICATIVO

No dia 11 de Novembro, para comemorar o aniversário da celebração do Armistício que pôs termo à conflagração de 1914-18, o presidente Roosevelt proferiu, junto do túmulo do Soldado Desconhecido americano, o seu primeiro discurso depois da reeleição. O presidente afirmou a sua fé numa Nova Ordem europeia e mundial que bem poderia fundamentar-se nos princípios de ordem moral e de ordem política contidos na famosa Declaração da Independência americana. Ao contrário de um grande número, talvez mesmo da maioria

dos seus compatriotas, o sr. Roosevelt entendia que os Estados Unidos não tinham que penitenciar-se por terem tomado militarmente parte naquela conflagração. Algumas passagens desse discurso, a que foi dada a maior divulgação, especialmente no estrangeiro, constituíam uma profissão de fé e eram, ao mesmo tempo, a prova clara de que o seu autor não estava disposto a mudar de rumo quaisquer que fossem as dificuldades, os contratempos e as dúvidas que a sua orientação de auxílio à Grã-Bretanha pudesse ainda provocar.

«De aqui a cem anos os historiadores hão-de dizer que a guerra de 1914-18 e a vitória que nela alcançaram os aliados evitaram a algumas gerações, aquelas que se revelaram durante os vinte anos que decorreram entre 1918 e 1938, um sacrifício inútil e inglório. Se os Impérios Centrais nessa altura tivessem sido bem sucedidos e os Aliados tivessem perdido a guerra, nessa altura, a paz teria sido bem diferente. Hoje creio que nenhum esforço será capaz de evitar que germine a semente lançada à terra nesse tempo. É essa uma das razões por que afirmo que o povo não quer regressar à sujeição nem deseja viver de novo em regime feudal. Nem por um momento sequer desejo pensar que a humanidade consinta em viver sujeita a fórmulas que representariam, se fossem universalmente aplicadas, um retrocesso.»

Os presidentes continuava a insuflar no espírito do povo norte-americano as suas próprias convicções e as suas próprias esperanças. Pouco a pouco, e com as facilidades que dava o exercício do poder, a sua campanha de persuasão ia produzindo os frutos que ele esperava.

PARA AUMENTAR O AUXÍLIO À GRÃ-BRETANHA

Esses frutos diziam especialmente respeito à necessidade de intensificar o auxílio à Grã-Bretanha sem alarmar a opinião pública norte-americana. Esta ainda pouco antes manifestara ostensivamente o seu receio de que a orientação preconizada pelo presidente conduzir-se, mais cedo ou mais tarde, a uma intervenção directa no conflito. Era esse também o iulcro em torno do qual girava a actividade dos isolacionistas. Estes continuavam a afirmar que a nação não devia consentir nem na saída do país nem no sacrifício de sangue de um só dos seus filhos. Os americanos, no fundo, desejavam conservar-se afastados do conflito e mesmo das suas directas repercussões. Mas pressentiam que a derrota da Grã-Bretanha seria, num prazo mais ou menos curto, e certamente mais do que menos curto, a sua própria derrota. Quando os bombardeamentos aéreos sobre Londres tomavam proporções cíclicas, era em Washington, em New-York, em Filadélfia, em Boston, em S. Francisco e em Chicago que se seguiam com um interesse maior os movimentos da «Luftwaffe» e a réplica que a R. A. F. lhe ia dando.

Embora os aspectos externos da sua acção suscitasse protestos e divergências, censuras e discordâncias, os compatriotas do sr. Roosevelt iam modificando o seu pensamento e os seus sentimentos, de acordo com a sua doutrinação, à medida que o tempo decorria e os ingleses iam revelando uma capacidade inesperada para resistir aos ataques violentos desencadeados sobre as suas cidades principais e vibrados contra o seu moral.

Foi assim que a missão do presidente, embora deparando com dificuldades constantes, foi, pouco a pouco, tomando as proporções duma tarefa verdadeiramente nacional. Fortalecido pelo voto da nação e pelas provas de confiança que os factos lhe iam dando, o presidente Roosevelt pôde encarar, um pouco mais desalofadamente, a possibilidade de tomar a iniciativa de medidas mais amplas e de realizar projectos mais arrojados. Mas estava-se ainda, nesse mês de Novembro de 1940, muito longe de pensar em que os soldados americanos dentro de muito pouco tempo se veriam obrigados a alinhar nos campos de batalha.

AS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS

A base da intensificação do auxílio à Grã-Bretanha era o aumento de produção por consentimento tácito de patrões e operários. Esse consentimento tinha de resultar de duas circunstâncias: a modificação de atitude de muitos chefes de indústria, aquéles que partici-

pavam na campanha isolacionista e a reconciliação dos dois grandes organismos sindicais norte-americanos, que mantinham a sua antiga e cada vez mais acesa rivalidade. A segunda tarefa era incomparavelmente mais difícil de realizar do que a primeira. Os chefes de indústria, quasi insensivelmente, foram-se convencendo de que a derrota britânica podia traduzir-se pelo fim do regime político e social a que a sua actividade se encontrava estreitamente associada. Isso levou muitos deles e dos mais importantes a modificarem a sua primitiva posição, tornando-se, de adversários irredutíveis, auxiliares prestimosos do presidente e da sua política. Entre outros o grande industrial de automóveis Henry Ford, que começara por abraçar a causa dos isolacionistas, e acabou por se transformar num intervencionista caloroso, emprestando à causa da intervenção norte-americana todo o seu préstimo e todos os seus recursos.

O caso das organizações sindicais era menos fácil de resolver. John Lewis continuava a combater a política do presidente. Nas vésperas da eleição presidencial fizera mesmo a declaração solene de que se Roosevelt fosse reeleito ele abandonaria toda a actividade política. Se esta solução tivesse sido posta em prática a verdade é que ela em nada podia concorrer para melhorar as condições em que estava sendo prestado o auxílio à Grã-Bretanha. Esta rivalidade entre o presidente e o chefe sindicalista Lewis era agravada pela situação pouco clara que dentro da organização do proletariado norte-americano tinham os filiados no partido comunista. Nenhuma das federações existentes queria, publicamente, com eles qualquer espécie de solidariedade, mas eles figuravam nos seus quadros e pesavam nas decisões que eram obrigadas a tomar. A paz entre o proletariado acabou por se restabelecer pela condenação da atitude dos filiados comunistas e pela eleição dum novo chefe, Philips Murray, em seguida a uma série de advertências e conselhos de Roosevelt que acabou por ver triunfar os seus conhecidos pontos de vista sobre a necessidade de se criar uma unidade sindical.

O PAGAMENTO DO MATERIAL DE GUERRA

Se a resistência britânica aos ataques da aviação alemã não afrouxava, a intensidade destes, que tinham passado a ser feitos exclusivamente de noite, aumentava e a impressão por isso produzida entre a população norte-americana era profunda. A publicação de fotografias com aspectos de cidades inglesas arrasadas ou profundamente danificadas, como Coventry e Londres, era além dum documento impressionante das duras realidades criadas pela guerra, um motivo de propaganda de efeito seguro. Incansavelmente, Lord Lothian, utilizava-o. Os seus discursos tinham uma chama que contagiava quantos o escutavam. O exemplo de Rotterdam, frequentemente invocado, era o corolário lógico da acção desen-

volvida por aquéles que tinham por obrigação demonstrar que uma vitória total do Reich na Europa seria, em última análise, o fim da grandeza dos Estados Unidos e o termo da segurança de que até ali disfrutara o continente americano.

Começou a formar-se a convicção de que, embora os ataques da «Luftwaffe» não tivessem conduzido a um êxito susceptível de facilitar a invasão das ilhas britânicas, estas não deixariam, durante a primavera, de ser objecto de um ataque formal por parte da aviação e da esquadra alemãs. A realização de uma operação de desembarque em grande escala começou a tomar vulto e a ser tida como uma ameaça iminente por uma grande parte da opinião pública nos Estados Unidos.

A campanha iniciada por Lord Lothian para que se estabelecesse um novo regime de pagamento para os fornecimentos de material americano ao seu país, ia fazendo progressos evidentes. Muitas individualidades de primeiro plano na indústria e na finança dos Estados Unidos começaram a manifestar a opinião de que mais valia ceder o material sem uma contrapartida de libras do que correr o risco de uma derrota militar que acabaria por afectar igualmente os dois países. A chegada a Washington, nos primeiros dias de Dezembro, de um alto funcionário da tesouraria britânica encarregado de negociar um acordo sobre o assunto, suscitou justificada curiosidade. Ninguém ignora que o secretário do tesouro norte-americano, Morgenthau, era inteiramente favorável a um arranjo amigável com a Grã-Bretanha.

O ÚLTIMO DISCURSO DE LORD LOTHIAN

No dia 11 de Dezembro estava marcada uma grande reunião em Baltimore, durante a qual devia falar o embaixador britânico, Lord Lothian. O diplomata inglês sentiu-se, porém, súbitamente indisposto, e o discurso que ele tinha composto teve de ser lido pelo conselheiro da embaixada. Lord Lothian afirmava que 1941 seria um ano duro e perigoso. Os alemães renovariam o seu ataque à Grã-Bretanha, concentrando no mar todos os seus recursos disponíveis. O Reich estava a construir bombardeiros e submarinos de grande raio de acção, com os quais se propunha atacar incessantemente a navegação, partindo de uma semi-circunferência que, ao longo das costas da Europa, se estenderia desde Narvik ao golfo de Biscaia. A sua esquadra de superfície devia incorporar dois novos couraçados e várias unidades de menor tonelagem, rapidez e de excelente construção. As comunicações marítimas da Grã-Bretanha correriam um risco mortal, cabendo à marinha de guerra inglesa, enfraquecida pela sua dispersão, o principal papel no combate a este perigo.

A única maneira de evitar um alargamento do campo de hostilidades consistia em combater, por todos os meios, a ameaça que se dese-

(Continua na pág. 22)



Lord Halifax conversando com Lord Beaverbrook



A tragédia do Circo de Paris em que a artista Gina Manés foi atacada pelo tigre "Royal"

AS gravuras que ilustram esta página falam por si. São sete documentos elucidativos do drama que ocorreu recentemente no Circo Medrano, de Paris. Nas três fotos que se vêem ao alto, a conhecida artista de cinema e teatro Gina Manés, faz a sua entrada na jaula, onde já se encontrava o domador Spessary. Eram 21 e 56, a principiar o trabalho. Os tigres estão já no seu lugar, para fazer a sua apresentação ao público. Na segunda foto, um minuto depois, Gina faz rodar as feras, à volta da jaula. O «Royal», porém, não se mexeu. Gina obriga-o, com uma chicotada, que lhe apañou o ventre, a obedecer-lhe. Eram 21 e 59. O tigre, com a dor, salta-lhe ao pescoço. Com as patas nos ombros, morde-a. A artista desmaia. O «Royal» vinca-lhe novamente os dentes nas costas. O pânico nos espectadores é in-



descriptível. O domador e os ajudantes pretendem libertar Gina das garras do animal. Jorras de água caem sobre ele. São instantes de violenta emoção. Há gritos por todo o circo. O domador, jorrando sangue, não descansa. Ouvem-se tiros, barulho ensurdecedor. Dois espectadores ficam feridos com os tiros da polícia. Só um fotógrafo, com a sua máquina, serenamente, fixa o drama. Nas fotos de baixo, vê-se toda a luta que houve para tirar das garras do «Royal» a pobre Gina, que, por fim, o domador ampara, depois de terem sido abatidos dois dos tigres e outros estarem já recolhidos nas jaulas pequenas. Gina Manés, porém, não morreu. Ainda está hospitalizada, mas, apesar de ter 17 ferimentos, escapou. Há, porém, um pormenor a registar: o tigre «Royal» tem três dentes partidos. Foi a falta desses dentes que salvou Gina de morrer...



James Cagney e Pat O'Brien numa cena do grande filme «ANJOS DE CARA NEGRA» que se estreou com grande êxito no SÃO LUIZ. Uma produção WARNER BROS.— Distribuição SIF





A feira de S. Martinho a grande feira RIBATEJANA

Um metro humilde, deixam que oler — troquilhas ancestrais — alborquem as cavalgaduras, e compram de um lado, e vão vender no outro, ganhando em cem passos o que outros perdem em cem cálculos!

A voceria enauardece, mas entusiasma. Miúdos de quatro palmos

vendem verdadeiras de marmeleiro — imáguas de cavaleiros e peões — que todos trazem ao voltar como recordação, e salimbancos a traduzir a dor para riso, anunciando com tambores e coreografias as suas pittorescas, enquanto os barris de água-pé se ajeitam nas adegas, e as castanhas do dia se assam em fogareiros enchendo o ambiente com seu aroma especialíssimo. A feira está linda. A animação das compras, a loucura dos preços trepidos no ar.

Nun intervalo, de corrida, num ebreake puxado a duas milhas trotadoras, vê uma viaja à Quinta dos Bonchos, onde entrou a Ribatejana ribatejana de Raísa da Cunha, que foi um soberano da campina. Partura e beleza aetheriais... A casa é um museu e um refeitório — os velhos pampulhos em noápolis como lanchas medievais, a cabeça de um touro que foi morto pelo grande Cuchares, retratos, programas, recordações de outros tempos — é de poia o laboratório e a oficina onde a arte de Diguerre se aprata até os investimil. Cocos e brocados, sépias, retratos, palhaças, motivos de campo, almas e sensações, tudo está a viver nos maravilhosos cartões que me foi dado ver; e como se isto ainda não bastasse, os senhores e senhoras da casa — a própria sim-

patia e a própria gentileza personificadas — acrescentaram o encanto da visita... De novo o ebreake se põe em marcha. É a trote largo, poucos minutos passados, eis-me outra vez na feira, outra vez dentro do passado e dentro da saudade dos outros.

Nalguns olhos adivinham-se lágrimas gostosas. É um velho — que bonito que é ser velho assim! — de

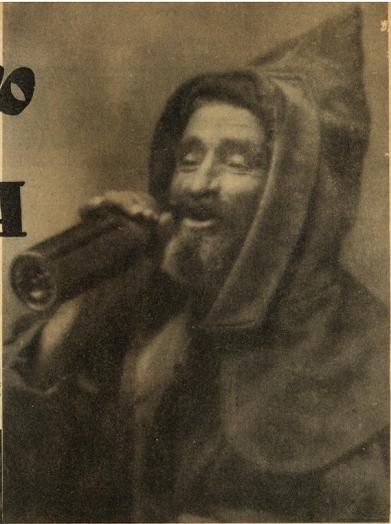


— April que bon água-pé e deáto amol



Comprendo afeitos — 300 escudos? 567!

roto enérgico e enrugado, magro, seco, os restos do bigode alviziado, endireitando bem o corpo batido de oitenta e dois anos de apurmo e de trabalho, passa agora num lindíssimo cavalo, firme, bem póto na sela de camuça, como se tivesse vinte anos. E tem-nos, realmente, Manuel Veiga, quatro vezes condecorado e dignificado no seu duro ofício de mandar, de governar e de ser saiguém. Que felicidade foram as mulheres de outrora tendo por galan-



teadores homens desta témporal Hoje, a maior parte do sexo forte, foi invadida por tecidos azues, verdes, amarelos, brancos, tudo, como noram, cores suaves... E poucos, muito poucos, certamente, sabendo montar com a firmeza e a elegância (igual à de alguns homens antigos que passaram frente a meus olhos fascinados, olhos de rapariga da cidade, desta linda cidade de Lisboa, que se debruça, às vezes, sobre os curtos — ou ela não fosse mulher! — para ver passar a figura despenhada de calça justa e chapéu desabado, de Fernando de Oliveira, quando os seus lindos cavalos, Avencida acima.

puxando um estiburo, uma égua lindíssima de longo trote inglês, guiada por Allala e comprada a feze por Andrade Gonçalves de Almerim por quantia pretépsica. Rapariga bonita, rapazes esbeltos, bons nomes e boas raças, passavam a iniciar romances. Enfillo Infante, rijíssimo, é, com o seu grito de «Arredá!», a animação da feira. E ela continua, esplêndida, vivendo o seu melhor dia, numa deslumbrante orgia de cores, quando a detet num lintar de tarde deáto lindo Novembro.

PERNANDA REIS
(Fotos de Frederico Bonacho e Vaisiter).

CAMPOS da Golega! Uma pintura de verde emoldurada de choupos e algarinhos. Lá r a s plúmaras, ametras, várzeas, pastagens, searas, ondas de verdura encrespadas pela brisa que lles dá movimento. Horizontes contemplativos que põem nos olhos a impressão do infinito e dão aos homens alívio, concórdia do seu poder dominador, da sua força! Atravessando-o e dando-lhe a nota idílica, a fita de prata do Tejo. Dos altos do Senhor do Bonfim ou da Senhora do Prêto que se curvam docemente sobre a Chamusca, é assim que a fével planície se mostra, vaidosa e ridente, aos olhos de quem a mira. O Ribeiro esplêndido! É um quadro de abundância e de beleza!

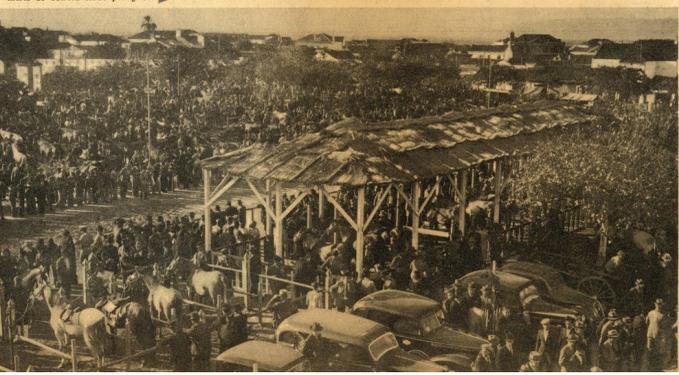


Três bons nomes e três bons enções: Fernando de Oliveira, Chetelmas e de Azevedo Fedeção.

Toda a maquiaria rolante de outros tempos — resuscitou. É o góto pela equipagem, o deitro sumptuário que outrora encantava as boas mãos de redés que subiam quietas a quatro um sponstano ou um carro de caça, parece ter resurgido também. Vultos aquêle jeito de olhar que distingue e marca os cavalos, que aponta o garbo com que certo alçado detra as mãos, a curva bonita da cabeça daquele ruço cardito, a garupa fina do bato que alena curvadas, o torçoço delicado daquela égua de raça, o trote, certo e enérgico, dumha parelha de muitas mercadas com o fetor retreado de A, ou o círculo mágico de B. De Gomas, os Infantes, os Coimbra, os Palhas, os da Cardiga e os Terrós, grandes criadores, têm o seu dia de glória. E experimentam-se os corcéis, e calculam-se os preços e estimam-se as diferenças entre os da sela e os da mão. E ouvem-se apreciações: — Ele vai com o passoço que é uma lindeza! — Tem aqui um par de pernas... — Tem uns batões pouco esper-tos... — Vaidoso de uma figal! Os olhos peritos dos mestres de picaria investigam atentos e curiosos, enquanto as cigarras — terras de cor a coce na feira — de alvas verdes, amarelas, azues, vermelhas, num delírio gremoso de colorido, metedicas e adivinhas, vendendo a sua mercaderia de enganar, com ar desdenhoso, instantaneamente meto ci-



O material do Salar dos Bonchos — a fazer meio.



Comprendo afeitos — 300 escudos? 567!

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE
RAMALHO ORTIGÃO

VALE a pena recordar o Pôrto há meio século, estreito e cavo burgo medievo que tanto lembrava a descrição de Garrett no «Arco de Sant'Ana». As ruas tinham um decidido interesse arqueológico e pitoresco. Os bons mercadores dos Clérigos e da rua das Flores falavam-nos, pimpando, detrás dos balcões ou das carteiras, com o ar digno e a majestática catadura de antigos edis. Não se descortinava um bigode por toda a larga classe comercial, e nenhum comerciante honrado vestia a não ser de preto, colete luzido de setim, comprida sobrocasaca séria, largo capote obrigado a banda de veludo. Só os ingleses, como o Smith ou o Stewer, que negociavam em vinho, apareciam de chapéu branco e calça de xadrez, num exotismo flamante sobre a mancha grave da população sombria.

Os divertimentos, tirando as procissões, as romagens e as noites dos Santos populares, não abundavam. Na rua da Fábrica existia uma filarmónica que, pelo inverno, mensalmente exalava música. Na Assembléa da rua do Almada jogava-se o voltarete, à luz das velas sonolentas; e, uma vez por ano, a Feitoria Inglesa valsava com as figuras gráficas do comércio e da burocracia. Nas casas particulares as reuniões chamavam-se «suíças», jogava-se o loto, bebia-se chá acompanhado de fatias com manteiga e doceiras variegadas, e às dez horas, chegados os moços com os lampeões e os chales das senhoras, as visitas retiravam e tudo se submergia na treva silenciosa.

Do que ia pelo resto do país quasi nada se sabia. De Lisboa falava-se apenas das maroteiras do Governador, dos bailes que dava o Farrobo, das representações nas Laranjeiras, mas mesmo isto tão nebulosamente, tão confusamente, como se se passasse na vaga Cochinchina...

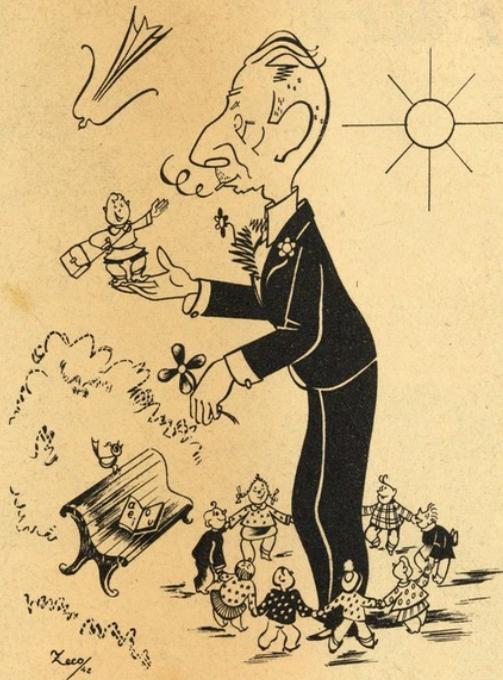
UMA OPINIÃO DE BISMARCK

EDUARDO Dias, espirito duma cultura invulgar, publicou agora, na colecção *Gladio*, um volume curiosissimo sobre o *Islão na India*. Lê-se com interesse — e tem indiscutível oportunidade. Transcrevemos de fls. 92 do volume, este insuspeito depoimento de Bismark e que, na hora presente, se reveste dum curioso significado: «Ainda que a Inglaterra não contasse com as grandes figuras espirituais do seu espléndido passado, só o labor imenso que tem realizado na India bastaria para fazê-la imortal».

JOÃO MARIA FERREIRA

ESTE distinto poeta para afirmar, no momento convulso que o mundo atravessa, o seu nobre patriotismo — instalou-se na Praça dos Restauradores!

BOA EDUCAÇÃO



Corre, de voz em voz, o teu nome: João!
Vês a Glória, poeta, abri-te os braços;
Chegas ao Templo, enfim! Ante os teus passos
Curva-se o mundo — de chapéu na mão!

Poeta e Cidadão — tu que o não fôses! —
Dentro do peito abrigas um tesouro:
Aos homens distribues fábulas de ouro,
As crianças distribues confeitos doces...

Filho de peixe, nádas — e que bem!
Ver-te nadar assim até consola,
Do teu lar fizeste uma escola,
E sendo Pai és, no fundo, Mãe!

João de Deus, e Ramos afinal,
Se pode realizar-se o que sonhamos,
Nesta hora tão trágica e fatal
Deixa-me dormir — à sombra dos teus ramos!

PARA A HUNGRIA

PARTEM brevemente para a capital da Hungria os irmãos Galhardos que ali vão buscar uma grossa encomenda de peças teatrais. Há quem lhe deseje feliz ida — e longo regresso.

EIS HOJE A QUESTÃO

MADALENA Sotto dizia-me outro dia:
— Que saudades eu tenho dum bife de vitela!
To bife or not to bife — eis hoje a questão!

HORA PRESENTE

O jornalista Baptista Diniz que, desde que nasceu, usava cara rapada, deixou agora crescer o bigode.

— Então que é isso, homem? — perguntei-lhe.

Logo éle:

— Isto é produzir — e poupar!

ADIVINHA

EM que se parece Lisboa com um rebanho de ovelhinhas? — perguntava-se, outro dia, no *Chave de Ouro*.

E como ninguém atinasse com a solução da charada, o proponente elucidou:

— É que Lisboa também tem o seu pastor — o seu Pastor... de Macedo!

TIPÓIAS

ALGUMAS «tipóias» da velha guarda vieram substituir os «taxis» que a falta de gasolina immobilizou. Mas o «preço da corrida» pedido pelos cocheiros é quasi incomportável.

Há dias o dr. X... pretendeu ir do Rossio à rua Marquês da Fronteira, com urgência.

— Quanto custa?

— 50 escudos! — exclamou o cocheiro.

Imediatamente o doutor:

— E quanto custa não ficando eu nem com a tipóia, nem com os cavalos?

MIXÓRDIAS

NAO é de hoje que se falsificam as coisas que nós comemos: é desde sempre. A história deste martiriológico seria longa — se pretendessemos contá-la. Os próprios reis foram vítimas dos seus escolhidos fornecedores. Boileau satirizou o célebre Jacques Mignot, pasteleiro de Luiz XIV, nestes dois versos que ficaram célebres:

Basta dizer Mignot para saber-lhe o vicio
Nunca envenenador melhor soube do seu officio.

Quando isto acontece com os reis, — que admira o que acontece com o povo!

ARTE DE REFLECTIR

O célebre filósofo Athenodoro, estando muito velho pediu licença para se retirar da corte. Concedeu-lha César Augusto; e, à despedida, o velho filósofo não se esqueceu de dar-lhe o último conselho:
— César, quando te zangares, não faças coisa alguma sem pronunciar mentalmente todas as letras do alfabeto!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



Entre nós

No Estúdio do S. P. N., inaugurou-se há dias uma Exposição de Fotografias de Arte Italiana, com a presença do sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Ministro da Itália e pessoal da Legação, director do S. P. N. e muitas outras personalidades.

A Associação Popular de Beneficência de S. Cristóvão e S. Lourenço, festejou o 29.º aniversário da sua fundação. A sessão solene presidiu o sr. coronel Amílcar Mota, como representante do Chefe do Estado, secretariado pelos srs. Frederico Paredes, inspector da «M. P.», Manuel Ferreira de Andrade, pela Câmara Municipal e Comissão local da União Nacional e Perry de Linde, pelo chéfe do Distrito. Usaram da palavra os srs. José Lucas Coelho dos Reis e José Luís Ribeiro.



Tomou posse do cargo de Director da Faculdade de Medicina de Lisboa o clínico-cirurgião dr. Reinaldo dos Santos, um nome das mais eminentes nos meios científicos de Portugal e do Estrangeiro. A posse foi conferida pelo prof. dr. José Gabriel Pinto Coelho, vice-reitor da Universidade, assistindo várias individualidades de grande destaque mental e social.

No Pôrto, na rua de Santo António, inaugurou-se — como em Lisboa — uma Agência dos Caminhos de Ferro Alemães. Além do cônsul da Alemanha naquela cidade, assistiram ao acto muitas individualidades em destaque na capital do norte e jornalistas. Foi servido um lanche e trocaram-se saudações.



7 dias de 7 CINEMA

por Fernando Fragozo

O público, na semana finda, não teve razão de queixa. Os cinemas capricharam em servir-lhe pratos ao seu gosto e o cartaz de Lisboa foi, assim, uma ementada, tentadora e variada, capaz de satisfazer o apetite e o paladar dos mais exigentes.

Não nos sobra o tempo nem o espaço para comentar, nesta página, todos os filmes em exibição. E, assim, falaremos hoje de um e, na próxima quinta-feira dos outros, tanto mais que no xadrez das telas de Lisboa, poucas modificações deveremos ter, por força do êxito que essas películas alcançaram.

* * *

Vencer a distância—foi sempre uma das grandes ambições do Homem, não só pela necessidade de

NOVOS TONS de pó de arroz que são a admiração DAS SENHORAS



PREPARADOS EM
PARIS COM UMA
MAQUINA COLO-
RIMÉTRICA MÁGICA

DÚPLICA
A BELEZA
DA PELE

Inventou-se uma nova máquina colorimétrica que revela a cor exacto do pó de arroz que melhor se adapta à sua pele.

Esta invenção levou à criação de tons novos de que a originalidade e a beleza são inigualáveis. O Pó de Arroz Tokalon não tem rival. Adere à pele um dia inteiro, mesmo andando ao vento e à chuva. Evita o brilho no nariz. É preparado por um processo devidamente registado. Experimente hoje mesmo o Pó de Arroz Tokalon — os novos tons que favorecem e embelezam — e pareça mais nova e mais linda.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

comunicar com o seu semelhante, mas também pela ânsia de «explorar» o tempo. O homem que caminha depressa «vive» mais, se tomarmos como padrão uma distância a percorrer — num período fixo de tempo.

Quando Reuter veio ao mundo — a «mala-posta», pelo menos na região que habitava, marcava o ritmo dos próprios acontecimentos. Para transmitir uma notícia não se conhecia forma mais rápida do que o galope dum cavalo. E se a Humanidade, por um lado, gozava a paz tranqüila que advém da lentidão com que se propagavam as notícias, por outro negava a sua condição social, porque não palpitava sincronicamente, na mesma esperança e nos mesmos temores. O mundo era como que uma série de compartimentos estanques, células dispersas dum mesmo corpo, que funcionavam independentemente, e que vibravam como que accionadas por uma acção reflexa, que se fazia sentir quando porventura já havia cessado de se produzir na célula motora...

O telégrafo primeiro, e a rádio depois, reduziram o mundo às proporções duma aldeia. Mal o sino toca na torre — o eco repercute-se por montes e vales e leva a toda a parte o brado de socorro ou o repicar festivo...

A unidade tempo para a transmissão duma notícia era o mês, multiplicado pelo factor da distância. Quando o «Times» publicou novas da Índia, noventa dias sobre os acontecimentos — o mundo estremeceu de espanto! Como era possível tão grande velocidade! Hoje, poucos segundos bastam para nos trazer os resultados duma acção naval nas Antilhas, o relato impressionante duma catástrofe na China ou a visão trágica dum afundamento nas mais longínquas paragens do Oceano!

O mundo tornou-se mais pequeno — tão pequeno, que ao quarto andar da rua dos Fanqueiros chega a voz do estadista que a milhares de quilómetros de distância, troveja ameaças ao mundo, ou a mensagem de Paz que o deverá redimir e salvar! E ao homem, ao mais anónimo de todos os seres, foi-lhe dada a faculdade de reduzir ou elevar estas vozes, e de saltar da América para Londres, com a simples deslocação do ponteiro, num quadrante iluminado...

* * *

O jornalismo nasceu da mesma ânsia de dominar o espaço e o tempo e de satisfazer, por outro lado, os anseios que provêm da condição social do homem. Saber o que vai pela orbe — é hoje uma das grandes preocupações humanas. Não nos contentamos com as notícias do que se passa dentro das fronteiras. Não basta conhecer as alegrias e

os pesares dos povos vizinhos. Todos nós queremos dominar o mundo, ainda que seja através dos telegramas da primeira página dos matutinos...

A rapidez e a seriedade da informação continuam a comandar a actividade do jornalismo. «É preciso informar bem e depressa!» É este «mot-d'ordre» cumpre-se, através dos tempos, ontem como hoje, porque representa a essência da missão dum jornal.

«Um comunicado de Reuter» é dedicado aos jornalistas do mundo inteiro. Como homenagem — e como incitamento. Porque ninguém, como «Reuter», teve mais clara e mais exacta visão das exigências e das responsabilidades do serviço informativo.

O leitor, ensonado, que abre o jornal pela manhã, e tantas vezes o atrai para o lado com um bocejo de tédio — poderá avaliar a soma de esforços que nele se condensam, depois de ver o notabilíssimo filme à glória de Julius Reuter, «o homem que tornou o mundo mais pequeno».

* * *

Como obra cinematográfica e como espectáculo — «Um comunicado de Reuter» é a mais bela película que se exibiu, em Lisboa, no decurso da presente temporada.

William Dieterle, que se especializou na realização de filmes biográficos — Pasteur, Zola, Erlich, etc. — conta, de forma admirável, a vida de Reuter, que começou por ser o «maluco dos pombos» e acabou por tornar-se numa das

figuras mais discutidas e poderosas do seu tempo, senhor de mil e um segredos que teriam feito a sua fortuna e liquidado muitas outras, se o mais puro altruísmo não presdisse a todas as suas intenções e a todos os seus actos.

O filme é feito de três ou quatro factos capitais da vida de Reuter, entretrecidos de simples episódios da sua vida privada. O «tratamento» da história e a seqüência cinematográfica impõem-se, deste modo, pela inteligência que presidiu à sua factura, pela forma hábil como se desejam os elementos biográficos, com um sentido de espectáculo que os sobrepõe sem os atraiçoar.

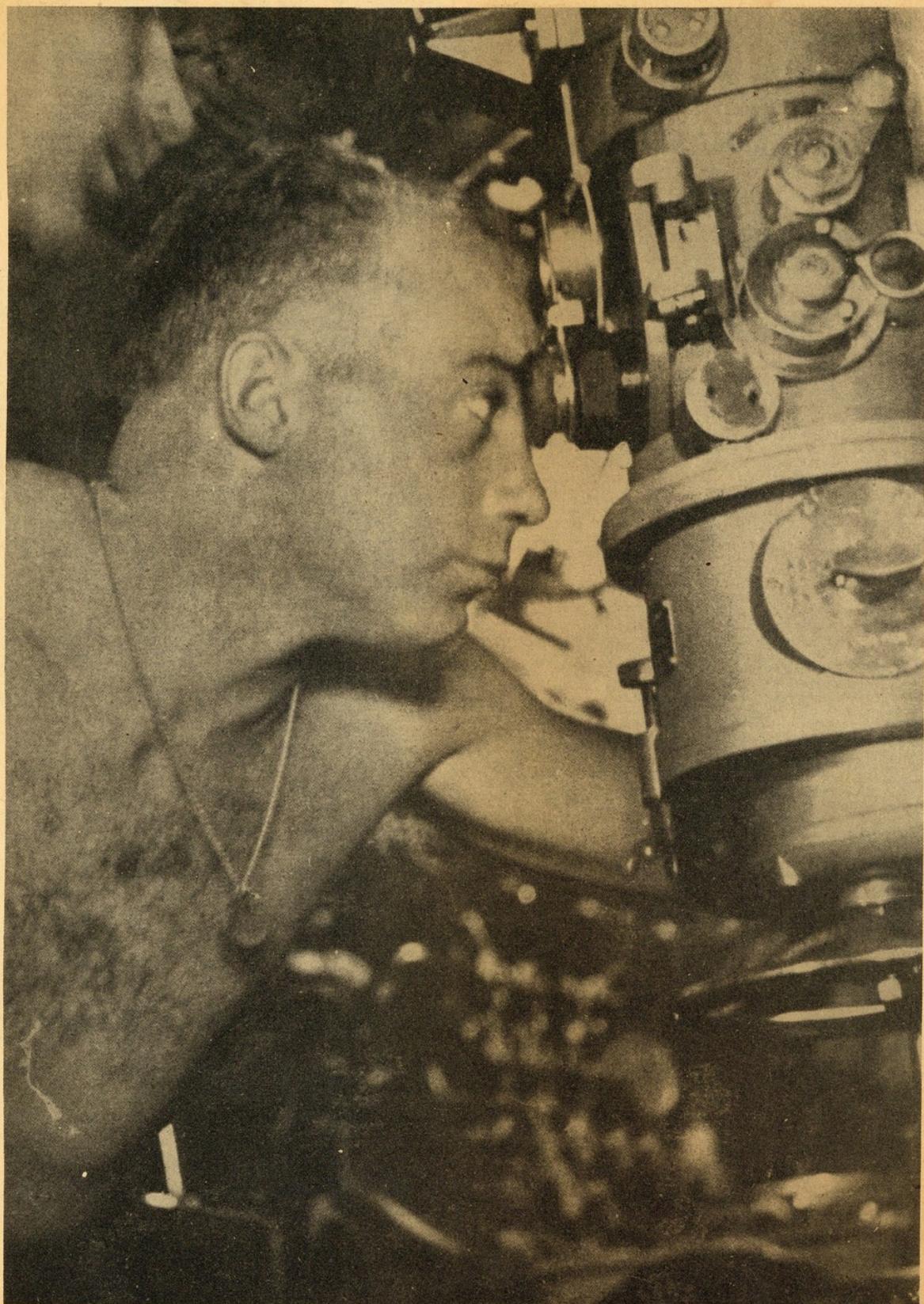
Edward G. Robinson, liberto da teoria de «gangsters» em que parecia cristalizar, dá-nos uma criação magnífica, que o impõe como grande artista que é.

Ao meu fiel leitor cinéfilo recomendando este filme — e permito-me chamar-lhe a atenção para a cena modelar da chegada do pombo morto, ao escritório de Reuter — cena que, só por si, nos diz do valor de Dieterle como encenador! Porque só um coração muito empedernido deixará de comover-se com a dor tocante daquela meia dúzia de pessoas, quando Geller traz o pobre Lenchen embrulhado num lenço, encontrado morto no sopé gelado da montanha — vítima do seu dever, e vítima do progresso...

Sem pretendermos encontrar simbolismos e estabelecer paralelos — agüele Lenchen foi igual a muitos homens, no anonimato do cumprimento da sua missão e no sacrifício da sua vida.



Edna Best e Edward G. Robinson, protagonistas do filme «Um comunicado de Reuter» — obra que glorifica e exalta a missão do jornalista, na sua função primordial de informar o público



Na luta submarina que as nações do «Eixo» estão desenvolvendo implacavelmente, em vários mares e oceanos, contra as Nações Unidas, a armada italiana tem tido uma participação intensa. Esta foto mostra-nos o comandante do submersível «Barbarigo» espreitando a momento decisivo de mandar disparar o torpedo que ha-de afundar o navio adversário que se aproxima.

FIGURAS DA VIDA NACIONAL



TENENTE-CORONEL ALVARO SALVAÇÃO BARRETO

Director: Geral dos Serviços de Censura à Imprensa, que desempenha, também, o alto cargo de Director Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar.

(Caricatura de Santana)

Entre nós



Principiaram há dias as «II Jornadas Agronómicas», no anfiteatro do Instituto Superior de Agronomia, na presença do sr. eng.º André Navarro, Sub-Secretário de Estado da Agricultura — que proferiu uma lição subordinada ao título «A batalha do trigo» — de representantes oficiais da Espanha, do reitor da Universidade Técnica, de muitos professores, agrónomos, alunos do Instituto e lavradores de todo o País.



O sr. dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da «Mocidade Portuguesa» visitou há dias vários estabelecimentos da Assistência Pública, a convite do respectivo director geral, sr. dr. Braga Paixão. Acompanharam-no os srs. dr. Soares Franco, tenente Campos Andrade e capitães Gomes Marques e Pereira de Castro, respectivamente Comissário adjunto e secretário-inspector, director dos Serviços de Educação Física e Desportos, delegado provincial da Estremadura e sub-delegado regional de Lisboa da «M. P.». A visita começou pelo Asilo D. Maria Pia, seguindo-se o Asilo Nun'Álvares, à Junqueira, onde houve desfile de «castelos» e jogos infantis e, por último, na secção «Pina Manique» da Casa Pia foram apresentadas classes de sinalização e de ginástica, e também evoluções por um grupo de «castelos» da «M. P.», conforme se vê na gravura que publicamos à direita.



Comemorando o 21.º aniversário da sua instalação, a Comissão dos Padrões da Grande Guerra reuniu-se, no Clube Militar Naval, em almoço de confraternização, a que presidiu o sr. general Norton de Matos. Os convivas foram os srs. generais Sá Cardoso e Ferreira Martins, almirante Afonso de Carqueira, brigadeiro Santos Correia, coroneis Vitorino Godinho, Azambuja Martins, Vitorino Guimarães, Pires Monteiro, professor Hernani Cidade, eng. Leal Faria, António Maia, capitão de mar e guerra Oliveira Pinto, tenentes-coronéis Palhóto, Pinheiro Correia, Pedro Curado e Lima Barreto, e major Oom e Amaldo Garcês, que depois estiveram no Monumento aos Mortos da Grande Guerra onde o sr. general Norton de Matos depôs um ramo de flores.



7 dias de teatro

A época de inverno do Nacional tarda. Obras — e mais obras. Está a trabalhar-se para que no Natal reabra as suas portas, alindada e limpa, a Casa de Garrett.

A abertura far-se-á com a «Electra»? Diz-se que sim, como se diz que não. Em teatro nada se sabe de positivo. Seja como for, essa representação será — estamos convencidos — a grande novidade da temporada: não só pela obra como pela sua representação, que levará três noites... para ver a «Electra» é necessário correr ao Nacional durante três noites... E os eléctricos? Já se pensou que andam a abarrotar?

Quere dizer, se o Nacional encher, os espectadores que tiverem a paciência de tal feito cometer, passarão a ser conhecidos também pelos «eléctricos»...



As reaparições sucedem-se, neste momento, em teatro. Dentro de dias, o Amaranthe, daqui a semanas, o Nascimento. Aquele na «Cova da Moura» — cuidado não escorregues, Estêvão! — e este no «Tovarich», consta. Cuidado, Manuel, vê como vais «tomar — isso!»



O nome de Carlos Santos voltou, repentinamente, a aparecer nos cartazes teatrais. Foi necessário vir a público a notícia da sua aposentação, como professor do Conservatório, para o chamarem novamente.

Estava esquecido o artista, ou já não julgavam necessários os conselhos e as lições de quem tanto se dedicou ao teatro e tanta prova deu de que percebia um pouco daquilo?



A pobre Margarida — a que foi à fonte pela mão de João Vasconcelos e Sá — tem sido ultimamente muito discutida. Tanto, tanto, que até vai servir de título a uma opereta, depois de ter andado pelas revistas, em quadros e números...

Ora se a Margarida não tivesse voltado da Fonte, ou se tivesse vindo acompanhada, talvez ninguém fizesse mais pouco dela... Pobre Margarida? Terá chegado, agora, a hora da tua vingança? Assim nos dão essa esperança os nomes que assinam a opereta que está no forno...

Grande combate de boxe no TRINDADE

DE ARMANDO FERREIRA



DECIDIDAMENTE o boxe está fazendo carreira em Portugal. Depois das sessões do Parque Mayer, do Coliseu e do Campo Pequeno, coube a vez ao Trindade, ver encher a sua plateia por um público ávido de espectáculos violentos. Os «managers» Loureiro e Macêdo, organizaram com os seus campeões uma sessão verdadeiramente notável. Registamos no entanto uma novidade nestes desafios de boxe: Os «rounds» entre os diversos «boxeurs» eram entremeados, o que dava mais animação, porque dava tempo aos campeões irem lá dentro recuperar forças para a luta.

O «cartel» era excelente. Alves da Cunha, campeão dos pesados, bom sóco, 110 quilos; B. Júdice, 1^o, 90, «challenger» ao título «grande artista» bate rijo, com nervos e alma; M. Sotto, «poid plume», agilidade na defesa, categoria levíssima. Alves da Costa, grande esperança dos pesos médios, jógo sereno, mas correcto. O árbitro era Carlos Santos, de grande reputação e antigo «boxeur» profissional. Serviram de «segundos» Lina Tavares, Maria Manuela e Disah Stchini.

1.^a parte — 1.^o encontro: A. Cunha e M. Sotto. A. Cunha apareceu nos combalido e M. Sotto aproveitou para alguns «corps-a-corps», agarrando-o pelo pescoço, e abraçando-o. A. Cunha defende-se. Sotto prepara um jógo de astúcia. «Match» nulo, com vantagens para Sotto.

2.^o encontro: A. Costa e M. Sotto. Os contendores estudam-se. Costa exalta e ataca; Sotto, com serenidade, defende-se. O público percebe que os lutadores se estão a poupar.

3.^o encontro: A. Costa e A. Cunha. Demonstração amigável. A. Costa ataca, e dá conselhos. A. Cunha, riposta com vigor. O «round» é suspenso para entrada de B. Júdice e M. Sotto. Este «match» a 4 jogadores é uma novidade emocionante.

A. Cunha, não se serve da esquerda, não ataca com a direita; limita-se a encaixar os golpes.

M. Sotto castiga, com habilidade, saltitante, e dá uma seraiçada de sócos na moral familiar, na comodidade burguesa, etc. A. Costa apara bem e defende. A. Cunha evita os directos. B. Júdice sangra mas não cai. Resiste até final, sendo dada a vitória a M. Sotto aos pontos.

4.^o encontro — M. Sotto e A. Costa. A. Costa ataca com violência,

vários directos ao carácter; M. Sotto em grande classe deixa A. Costa «grog», rematando o «round» com um «idiota» que o põe fóra...

Intervalo para se fazerem prognósticos. O público dá por bem empregado o dinheiro. Os irmãos «Galhardos» que organizaram o programa esfregam as mãos de contentes.

2.^a parte — 1.^o encontro: A. Cunha e B. Júdice. B. Júdice começa a crescer, e a usar de jógo astucioso; o público aplaude; A. Cunha, com ciúmes, toma calor e passa a bater forte. B. Júdice ganha este «round» aos pontos.

2.^o encontro: A. Cunha e A. Costa — A. Cunha, desconfiado, ataca com violência; vários «corps-a-corps». A. Costa na defesa, faz jógo amigável, e por isso é batido, aos pontos.

3.^o encontro: B. Júdice e A. Costa. Combate sem energia. A. Costa verifica que B. Júdice sabe muito, sabe tudo da arte, e esconde mais o seu jógo. «Match» nulo.

4.^o encontro — Jógo para campeonato, um dos mais sensacionais da noite. M. Sotto, de calção preto com doirados, como o Rico, (não o Alex) faz jógo vistoso e ataca a fundo. B. Júdice mostra a sua classe, aparrando com serenidade e fazendo jógo indirecto; procura enganar o adversário menos experiente destas lutas de campeonato, e consegue assim obrigá-lo a entrar no campo dos seus sócos. M. Sotto bate em falso e o «match» termina com vantagem de B. Júdice, apesar de sair do «ring» em meia sincope.

5.^o encontro: A. Cunha e M. Sotto. A. Cunha manda sair do «ring» A. Costa, e desenvolve todo o seu jógo violento. M. Sotto esquiva-se e procura colocar um dos seus esquerdos insinuosos, mas A. Cunha atinge várias vezes com directos à cupidez. A. Cunha, não vê nada; sóca à doida, correm os dois no «ring», vão de encontro às cordas, há «corps-a-corps» violentos e por fim M. Sotto, sem fôlego, os lábios inchados e vermelhos, é pôsto «K. O.», sendo arremessado fora do «ring». É um «K. O.» absoluto. O árbitro lá dentro conta: 1, 2, 3, 4, 5... e A. Cunha é proclamado vencedor.

6.^o encontro: A. Cunha e B. Júdice. B. Júdice faz jógo calmo. A. Cunha ressentido do «match» anterior, sofre e sangra. B. Júdice castiga duro. O «round» termina com vantagens para B. Júdice.

Intervalo para o público fazer comentários. Todos elogiam a «classe» que M. Sotto conseguiu atingir, agüentando-se com aquela fera do A. Cunha.

(Continua na pág. 22)

António Vilar vai para o teatro — assim se anuncia. Outro que vem do cinema... Altura tem êle, mas chegará para se agarrar, para chegar onde outros não têm chegado?



O «Senhor da Pedra» vem a Lisboa — está a chegar — pela mão de três revisteiros — dois lisboetas e um portuense. Como virá? Virá à «Moda do Pôrto»?



Os artistas de teatro são muito vítimas de boatos acerca da sua vida — e até da sua morte.

Lêmos nos jornais que Charles Trenet — o cancionista francês — tinha morrido. Lêmos também que a Josephine Baker estava doente, mal, sem dinheiro, etc...

Mas não é assim. Estão ambos — são — a trabalhar num teatro de Casablanca.



Os novos em teatro são há anos, tão poucos, que devem ser acarinhados, bem recebidos e, até, ajudados, principalmente pelos que escrevem... Mas, não sucede assim, a maior parte das vezes, entre nós.

Vê-se cada injustiça, ou por outra, tão pouca justiça se faz ao trabalho honesto dum novato ou duma novata!

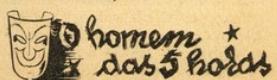
Bem sabemos que, há, quem até por bem, «mate» um novo, ou uma nova, à nascença... Basta entregar-lhe um papel daqueles que são para levar ao suicídio qualquer artista... e dos grandes.

Exemplos destes vêm-se a toda a hora, nos palcos portugueses.

Hoje, em teatro, chega-se a principiar por onde muitos e muitas não acabaram...



Titulos de algumas revistas, farsas e operetas anunciadas nas respectivas secções de teatro, que ainda devem representar-se esta época: «Pátio das fôgas», «Haja saíde», «Os três fados», «A avó torta», «Noite de S. João».



O mundo depois da guerra

Uma Crónica de Felix Bermudez

MESMO sem a pretensão de nos arvorarmos em profetas, todos nós podemos descortinar — a maior ou menor distância no tempo — alguma coisa do que está por vir. Para isso basta raciocinar com discernimento, como um calculador que resolve uma incógnita, servindo-se dos elementos ao seu alcance. Para os espíritos profundamente observadores, o futuro encontra-se sempre parcialmente reflectido no espelho do passado. Ora, somando as lições do passado com os dados que se acumulam no presente, construímos a chave que nos abre uma pequena porta secreta, por onde podemos espreitar para o futuro.

Se o leitor está ansioso por saber como ficará o mundo depois da guerra, mas não quer dar-se ao enfado de fazer os cálculos, sujeite-se à maçada ainda maior de ler os meus raciocínios, porque sem trabalho nada se consegue. Se, depois de me ler pacientemente, não concordar com o meu optimismo, temos uma maneira simples de desempatar: é esperar os acontecimentos. Devo prevenir lealmente de que vou ser longo.

* * *

A história do mundo revela-nos que a evolução cósmica da vida se realiza por ciclos que se repetem, separados por pausas. Os dias, as noites, as estações, as marés, são exemplos de ciclos a ritmo constante. As leis da evolução no reino mineral repetiram-se no ciclo vegetal, depois no ciclo animal e agora no ciclo hominal. Atingida a máxima capacidade de expressão em cada reino, a vida lança-se à conquista de novas possibilidades no reino seguinte.

Estudando a história da natureza, verificamos que o reino mineral só concluiu o último ciclo da sua evolução quando atingiu a suprema perfeição, na pureza das formas cristalinas. O rubi, o jacinto, o topázio, a esmeralda, a safira, a ametista e finalmente, o diamante são como raios de sol, cansados de viajar no espaço, que pousaram a descansar na terra. Quando já nada podia produzir de melhor, o reino mineral cedeu a vez ao reino vegetal e o ciclo repetiu-se, até ao supremo limite de esforço da vida encarcerada. Depois começou o ciclo da vida deambulatória, expressando-se, com possibilidades mais amplas, em formas que se deslocam nas águas, nos ares e na terra. A longa e accidentada trajectória da evolução animal, foi preparando a forma capaz de abrigar uma alma. E só então a evolução humana principia.

Em que ponto dessa evolução nos encontramos? Estudando a história dos homens, vemos que já estamos muito longe do princípio; analisando os nossos erros e a nossa ignorância, reconhecemos que ainda estamos muito longe do fim. Entre o

seivagem e o sábio, entre o malvado e o santo, uma longa etapa foi vencida; mas raras são as almas humanas que tenham atingido simultaneamente o nível intelectual do sábio e as virtudes espirituais do santo. É que o crescimento de cada alma não pode turtar-se à lei cósmica dos ciclos e das pausas. A conquista de cada virtude e de cada grau de sabedoria resulta de longos períodos de experiências, cortados por erros, por retrocessos, por falências de vontade, que obrigam a repetir as lições que se esqueceram ou não foram integralmente assimiladas. As quedas da alma — do anjo humano que voa, com asas frágeis, para os cimos resplandecentes do divino — repetem-se constantemente, na áspera ascensão da montanha sagrada. Mas, de cada vez que o homem cai, arrastado pelo pesado lastro dos erros a que se prende, ele parte, em seguida, dum nível mais alto da escarpa, mais seguro e mais forte pela nova experiência adquirida.

Não será, pois, excessivamente ousado presumir que a evolução humana se encontra em marcha para um fim distante, mas já atingido por alguns pioneiros. O «Homem Integral», com a sua máquina física, emocional e mental dotada de todas as afinações de que é susceptível; com as suas virtudes superiores plenamente desabrochadas, ao sol da divindade que nele existe; o Homem assim desenvolvido será uma «criatura admirável» e maravilhosa, apta a recomençar, em mundos superiores, um novo ciclo de evolução, colaborando na obra do seu Criador. Ele foi já, em grande parte, criador de si próprio.

Mas, até que a multidão das almas se habilite a transpor as fronteiras da evolução humana, muitas pausas, muitas oscilações têm inevitavelmente de se dar, entre os diversos ciclos, vinculados pelo advento de sucessivas raças e sub-raças. A construção e o declínio de civilizações, escalonadas como marcos miliários, sinalizam a via-sacra da jornada do Homem.

Cada nova civilização que inicia a sua marcha é como um dia que alvorece na vida colectiva; mas, passado o meridiano, depois que a nova escalada do progresso atingiu o seu zenite, a luz começa a declinar, a sombra invade os povos e uma noite de trevas entorpece a Humanidade, até ao dealbar duma nova aurora. São os «dois passos em frente e um para trás» de que nos fala Pascal.

Como foi sempre assim, é lógico aceitar que assim continuará, a ser; e com esta premissa, já podemos construir uma explicação para o triste presente e uma esperança para melhor futuro.

O século passado assignalou-se notavelmente pela evolução da alma humana, em todo planeta, num sentido de fraternidade. A crueldade

ignara que os séculos da escravidão, da pirataria e das perseguições religiosas haviam implantado no fundo das almas, foi rapidamente substituída por sentimentos de piedade, por uma aspiração mais ampla de praticar o bem, por uma repugnância mais consciente de produzir o mal.

Ingressámos no presente século com uma herança maravilhosa de bondade e de respeito pela pessoa humana. A transição foi historicamente vertiginosa; mas, em proporção com a duração da vida individual, foi suficientemente lenta para que as gerações se transformassem sem dar por isso. Só o filósofo e o historiador registaram o surpreendente avanço na marcha espiritual da massa humana.

* * *

Mas, diante do filósofo, diante do sereno observador da órbita espiritual do planeta, um novo horizonte se desdobra, para além dos campos de batalha e para além do trágico minuto que envolve a humanidade numa bruma de luto e de degradação: Os homens não são piores do que eram; estão apenas marcando uma pausa, no progresso da sua bondade. Sofrem e lutam, para recapitularem lições que já esqueceram e aprenderem novas leis da vida universal, que se obstinavam em querer ignorar.

Enquanto uma extensa maioria se ocupa em aniquilar e destruir, uma vanguarda de pioneiros do Bem organiza, já há tempo, uma vasta campanha de socorro aos famintos e aos doentes, logo que a guerra termine. Grandes comissões oficiais estão já organizadas para esse fim. Vastos estoques de cereais estão já reservados, para inundar as zonas esfomeadas. Mas o que de maravilhoso e de super-humano resalta, nessa campanha, é a nobreza com que ela envolve, no mesmo abraço de piedade, as populações amigas e as adversárias; a previdência com que se estudam os planos de elevação do nível geral de vida, em todo o mundo, e de distribuição equitativa da justiça, da liberdade, da educação e do conforto, a organização de garantias de auxílio mútuo, entre as nações, de modo que a nenhuma falte o indispensável para acompanhar o progresso e o bem estar geral.

É um mundo novo e luminoso que se vai levantar das trevas de um mundo velho que foi preciso destruir, para reedificar sob planos mais nobres.

Todos os grandes da Terra têm os olhos e o coração voltados para o imenso formigueiro dos seus irmãos mais novos, velando por que não possa haver desprotegidos nem desamparados, cuidando de que nenhum ser humano possa extrebuxar no desespero e no abandono. A superfície dum planeta, que tão gene-

rosamente provê a todo o conforto dos seus habitantes, não pode haver lugar para os dramas de miséria que degradam a alma individual e a dignidade colectiva.

Uma combinação maravilhosa de forças se realiza, no cadinho da vida do espírito, contrabalançando na mesma hora as atrocidades mais cruéis com as concepções de mais sublime altruísmo que a Bondade humana já mais atingiu. Colaborem todos com o poder dos nossos pensamentos construtivos e o esforço da nossa boa vontade, na mágica realização deste programa de solidariedade, entre as almas humanas de todas as nações. Abençóemos com a nossa fé os obreiros do Bem que, mesmo profundamente absorvidos nas preocupações da guerra, ainda sabem respigar, nos recessos da sua alma angustiada, tão altos sentimentos de altruísmo e de fraternidade. Eles estão, desde já, improvisando, como um grande milagre planetário, as condições universais eficientes para uma humanidade melhor e mais feliz.

Os DENTES só nascem duas vezes Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não maoora falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. **NAS FARMACIAS E DROGARIAS**

Panorama Internacional Entre discursos

e granadas

por Francisco Velloso

PODERIA escrever-se que a oitava finda da vida internacional se desenrolou em três grandes teatros de batalhas: a África do Norte, a Rússia e a tribuna dos homens de Estado. As palavras, em análises, apóstrofes, desafios, sarcasmos, zuniram tanto como as granadas, rolarão fragorosamente como os tanques, estropearão como o explodir dos canhões, cairão arrazadoras como bombas infernais.

Um resumo dos sucessos tem de abrangê-los a todos, — e eis o pedregulho eterno de Sisifo que os comentaristas dos acontecimentos, que fazem mais do que deixar os leitores na escura selva das hesitações, ou os modestos registadores dos factos como nós, têm semanal ou diariamente de empurrar à força de braços e espáduas, na vertente rolante das realidades dêste mundo sublinhar, em terramoto...

DUELO DE TRIBUNAS



Um grande duelo entre Churchill e Mussolini, cobre as alturas da oratória de guerra, o primeiro ministro inglês no dia 29 de Novembro pela rádio, em Londres, o chefe italiano a 2 de Dezembro, na Câmara dos Fâscios e Corporações. Dois tons diferentes: — em Churchill o da vitória e do ataque animoso, em Mussolini o da defesa calorosa do próprio procedimento perante a opinião popular da Itália.

Atacava já o 1.º exército, de Anderson, em direcção a Bizerta e a Tunes, quando orava o grande estadista mundial da Inglaterra, e já os fortes contingentes alemães de aviação e tropas desde Trieste à Sicília vinham reforçar nos litorais italianos as fortificações defensivas contra eventuais assaltos dos Aliados, quando o «Duce», após largo intervalo de silêncio, usou da sua voz tonitruante de *Condottieri*. Estas situações diferentes dictaram atitudes opostas.

Tomando partido da operação norte-americana no norte africano francês, e da vitória britânica de Alexander e Montgomery, Churchill quis tributar aos dois generais britânicos, e conjuntamente ao ilustre Eisenhower, uma confiança decidida, para a segunda fase, quiçá mais dura e cheia de responsabilidades, que na vasta batalha de África, recordando por muitos pontos o prélio de Cartago com Roma, já se abriu para remate dêsse grandioso golpe que saiu de El Alamein e na hora própria a visão de Roosevelt, seu autor, completou.

A referência que o chefe do Governo inglês fez à Tunisia, por êle reputada «esperança e prognóstico

de futuro», correspondia dois dias depois o 1.º exército de Anderson, apoderando-se — no triângulo Mateur-Djedeida-Teburda e no seu avanço para Medjer-El Bab a cobrir-lhe o flanco — da posição essencial de investida contra Tunes, e separando esta cidade da de Bizerta.

De facto, a posse de Tunes não só contrabalança mas domina a de Bizerta, o que monta a dizer que esta defende-se naquela. E eis porque Von Nehring trouxe para ali o maior esforço das pouco mais de duas dezenas de milhar de homens de que dispõe, com material próprio e outro francês que lá encontrou. As batalhas ali travadas entre 2 e 4 de Dezembro, violentas e bem pugnadas, revelam-no a olhos abertos, e Churchill talvez segurasse num dos seus característicos sorrisos o interminável charuto, a recordar aquela sua frase, ao saber que ao cabo dessa luta custosa, o 1.º exército, repelindo os contrataques inimigos, se mantinha, na manhã de 4, dominando o sector de Mateur, a 22 milhas a oeste de Bizerta, ou a oeste de Djedeida, cidade que o alemão ainda em parte ocupa a 15 milhas de Tunes, e o de Teburda, a 20 milhas a oeste desta cidade, e que Anderson com as tropas francesas do general Giraud, extrai das do exército mobilizado em África, garantia, sobre a linha de aeródromos e bases do centro e sul do protectorado, os ataques vigilantes sobre os portos vitais de Gabes e Sfax, havia dias sujeitos a violentíssimos e destruidores bombardeamentos e a «raids» profundos sobre a costa marítima oriental da Tunisia.

Mussolini também aludiu a êstes sucessos, mas como não era seu fito versá-los, fê-lo mais de raspão.

PASSES DE ARMAS



Churchill foi, porém, mais além. Nas ondulações da sua eloquência, o grande parlamentar nunca perde o sentido preciso do grande estadista. As suas palavras mais vibradas contêm sempre o segredo e a antevisão de realidades. Assim são estas:

«A África, contudo, não é uma paragem. Pelo contrário, é apenas um trampolim. Empregaremos a África para apertar mais de perto o inimigo. Quem quer pode ver a importância que para nós reside na reabertura do Mediterrâneo ao tráfico militar, evitando-nos a extensa viagem pelo Cabo da Boa Esperança. Talvez devido a êste encurtamento de viagens e a esta economia de navegação possamos vi-

brar intensos golpes a êses submarinos como ainda os não sentiram em tôda a guerra. Mas há ainda outra vantagem a ganhar com o domínio do norte de África. Abrimos uma batalha aérea em nova frente. Para encurtar a luta é nossa obrigação encontrar de continuo o inimigo na maior escala possível e com a maior intensidade possível nos ares».

Todo o programa imediato da acção das Nações Unidas deve, por mais perto ou mais ao largo, andar dentro destas perspectivas, pelo que toca às bases ou plataformas de uma ofensiva e aos proveitos delas para os Aliados. Quanto aos objectivos, Churchill colocou o quadro do alvo na Itália:

«Se o inimigo puder ser expulso do extremo norte da Tunisia — e é êsse o nosso fim — todo o sul da Itália com tôdas as bases navais e todos os estabelecimentos de munições e outros objectivos militares, onde quer que êles se encontrem situados, hão-de ser submetidos a ataques aéreos sistemáticos e cientificamente levados a efeito. E ao povo italiano que compete dizer se quer que estas coisas terríveis caiam sobre êle, ou não. Não tinham necessidade nenhuma de entrar em guerra. Ninguém os atacara. Fizemos o mais que pudemos para os levar a manterem-se neutrais gozando de paz e prosperidade num mundo em tormentas. Mas Mussolini não pôde resistir à tentação de atacar a França prostrada e o que êle pensava ser uma Grã-Bretanha sem recursos. Em vão eu o avisei. Não me quis dar ouvidos. Fêz ouvidos surdos e coração de pedra às sábias previsões e apêlos do presidente dos Estados Unidos».

São palavras históricas estas que por isto mesmo, transcrevemos, dignas de ser religadas às do célebre discurso de 1940, em que Churchill comentou a «debâcle» da França, e, embora sabendo que a Inglaterra estava quasi desarmada, gritou para Berlim com incomparável arrojô: — A guerra continua! — o brado que entre pasmos, fez estremecer o mundo, e que dois anos depois recebia loiros em El Alamein, em Argel, na Rússia e na Nova Guiné.

O «Duce» ao ouvir isto saltou da cadeira curul, conclamou a sua assembleia corporativa e subiu os degraus da tribuna. O seu discurso é uma réplica ao seu adversário britânico e ao mesmo tempo o remate do que, por êses dias, o «Corriere della Sera» denominava com exactidão a climpeza do partido de todos

os pusilânimes», operação destinada, como é próprio em horas de perigo, a reforçar com os asséclas mais leais, as fileiras dos mais fiéis.

Os passos do seu discurso, animoso e hostil, obedecendo à velha regra de defender atacando, seguem quasi par a passo os do adversário. Passando de introito sobre o panorama de leste, para garantir (sem a menor dúvida, disse), a vitória das potências do «Eixo», embora rendendo elegante justiça à bravura do soldado russo, Mussolini focou em primeiro lugar a ocupação da França e o episódio do trágico e heróico atundamento da esquadra francesa em Toulon, para explicar que nunca tendo acreditado nas palavras de honra dos altos comandos franceses, logo a 3 de Novembro (data do desembarque americano que, a seu ver, e apesar dos mortos em Casablanca, em Oran, em Argel e outros portos, «nada teve de glorioso porque se realizou com a cumplicidade dos invadidos»), logo instara com Berlim para a ocupação imediata da França e desarmamento do exército e da armada, o que se efectuou «no meio do que poderá chamar-se a atonia moral de todo o povo francês». A frase é candente como braza sobre a França esmagada, mas provavelmente ninguém lá deu por ela, na rumorosa confusão do drama que a grande nação latina atravessava, para mais sob o opressivo choque do gesto ocorrido em Toulon.

Churchill apenas se reportara ao facto alanciante atirando para além da Mancha uma palavra de homenagem e de fé:

«Essa Esquadra pela loucura — ou talvez ainda mais do que loucura — do seu último fim de tragédia redimiu a sua honra com a acção do sacrificio próprio: das chamas e do fumo levantados das explosões de Toulon a França há-de erguer-se de novos».

Ao chefe do Governo britânico respondera Mussolini com a sua

PASTA MEDICINAL



referência ao desarmamento do exército e das forças navais francesas. De facto, aquêle, completando a alusão que acabamos de transcrever, vincara cáusticamente no sucesso a garra mordaz do seu comentário:

«Nunca tive a mais ligeira dúvida de que Hitler violaria o armistício para invadir toda a França e tentar apoderar-se da Esquadra francesa e Toulon. Esses acontecimentos foram bem recebidos pelas Nações Unidas, pois puseram fim a todos os propósitos do Governo de Vichy. A divisão artificial entre o território ocupado e não ocupado em França desapareceu. Depois do que aconteceu o ideal e a energia daquilo a que chamamos «França combatente» hão-de exercer influência decisiva sobre toda a nação francesa. Concorde com o general De Gaulle em que os acontecimentos fizeram cair as escamas dos olhos do povo francês».

BULHA NAS RETAGUARDAS



DARLAN

Norte e Ocidental Francesa, e o grupo gaullista da França Combatente com sede em Londres. Mas o «Premier» passou adiante.

Já houvera nos Comuns disparos de perguntas, algo nervosas. A declaração de De Gaulle, afirmando a sua incompatibilidade com o acordo Darlan-Eisenhower em Argel, advertira logo Roosevelt, a 19, que os acordos estabelecidos na África Ocidental e do Norte são recursos temporários justificados pelas emergências da guerra que permitiram alcançar dois objectivos militares: — o de poupar vidas americanas e britânicas de um lado, e francesas do outro, e o de alcançar vantagem vital quanto ao factor tempo, pois assim foi possível evitar que se prolongassem operações de limpeza na Argélia e em Marrocos, que poderiam levar um ou dois meses a ultimar, e tal espaço de tempo retardará as concentrações aliadas para um ataque do ocidente a Tunes e a Trípoli. E De Gaulle, perante esta definição de attitudes que só realçava a inteligente visão política de Eisenhower e de Roosevelt, houve afinal de a reconhecer.

Os acontecimentos, porém, não paravam. Darlan muito menos, a 24 proclamava a adesão, a ele Darlan e aos Aliados, do governador geral Boisson da África Ocidental (com Dakar e a esquadra ali surta, que a 4 de Dezembro se resolvia juntar às de Hewitt e Cunningham, já reforçadas por três submarinos que haviam fugido de Toulon).

De Gaulle anunciava que partiria para Washington a conferenciar com Roosevelt. Percebia-se que o general, certamente mal aconselhado, pretendia que se lhe reconhecesse uma prioridade de direcção política das reacções francesas a favor das Nações Unidas, a despeito da sua ausência, ou de alguém por si (falou-se de Catroux) na África do Norte à chegada dos Estados Unidos à Europa. A seu sabor vinha a 25, uma declaração do general De Lavigerie, fugido de França e recém-chegado a Londres, segundo a qual a opinião francesa aborrece a chefia de Darlan em África. No

mesmo dia era interrompida a série de apêlos feita, duas vezes por dia, incitando a França à resistência, iniciada pelos Franceses Combatentes, em Junho de 1940, afirmando o porta-voz militar, que transmitia as mensagens que, «enquanto Darlan continuasse como chefe no norte de África, sentia que não podia conscienciosamente continuar a fazê-lo», — attitude que parece contrariar a advertência de Eden feita a 24 nos Comuns, de que não era neste momento de «extremely critical phase» da batalha de África, que à recta-guarda deviam ser levantadas semelhantes questões.

A questão, como se vê, aguçava. O governo inglês colocava-se, ou queria colocar-se, fora de um terreno onde não podia encontrar o de Washington, conquanto lealmente desse a De Gaulle, mais soldado e menos político, todas as provas leais de gratidão e camaradagem, relembrando que foi ele quem arvorou em Londres nos dias difíceis de 1940 a bandeira de 1914. De facto, Roosevelt apressava-se a dizer aos jornalistas, na sua costumada audiência semanal, que receberia De Gaulle com muito gosto, mas que não o convidaria a visitá-lo.

No dia 3, quando já se desencadeara a fundo a ofensiva de Anderson na Tunísia, constituía-se, com sede em Argel, um Conselho do Império francês sob a presidência do almirante Darlan, tendo como vogais o general Nogués, residente geral em Marrocos, Chatel e Boisson, governadores gerais da Argélia e da África Ocidental, os generais Bergeret e Giraud, e o almirante Esteve (de cuja adesão se falava pela primeira vez), residente geral da Tunísia, então em operações. A declaração oficial dizia ser necessária a criação, na ausência de Pétain, de «um Conselho que possa representar a soberania da França em todos os territórios onde flutua livremente a bandeira francesa» e que «estes interesses serão salvaguardados pelo alto comissário da África do Norte francesa, almirante Darlan, em cooperação com o Conselho do Império».

Este facto tornava inexplicável a cisão Darlan-De Gaulle quando se tratava para um e outro do mesmo objecto de defender a França ao lado das Nações Unidas.

A declaração de Eden nesse dia remetendo-se para uma sessão secreta nos Comuns, aquela de Roosevelt, e a algo sacudida de Curdell Hull de que «o governo dos Estados Unidos estava absorvido na tarefa de expulsar as forças do «Eixo» desse teatro de guerra e não tinha tempo para conversações políticas com os vários grupos interessados no futuro estatuto dessa região» — todas traduziam simultaneamente o desejo de não se envolverem no tumulto, e o aborrecimento que êle lhes causa, talvez desenganadora e amargamente sentido dentro da França em horas de tamanha provação.

Ditas antes, o «Times» conse-

lhava a que se procedesse a uma revisão dos termos da situação, dado o bloco imperial que se formara em África (a colónia da Costa do Marfim aderira logo a Darlan, e parte da guarnição de Jibuti saía dissidente as fronteiras), e que se criasse «uma autoridade superior» em África, eufemística expressão de um governo regular.

Darlan não esperou por mais — ajudado aliás pelas notícias de Vichy de que Laval assumira a totalidade dos poderes que o marechal, após a entrada do exército alemão na zona ainda não ocupada, lhe cedera, e preparava, já em conferências realizadas em Berlim, um novo governo com Déat e Doriot. No dia 4, o almirante constituía, pois, em Argel, um governo com ministérios e tudo, ultrapassando em muito o Conselho Imperial que primeiramente se anunciara e que vem a ficar à ilharga daquêle.

A idéia do «Times» realizava-se, talvez, de acordo com Washington, que parece agir segura e solertemente como entende, e em contacto com as grandes figuras militares da África francesa (De Gaulle dava nesse dia almoços a entidades notáveis inglesas e americanas em Londres), essa autoridade bem poderia ser a do gabinete Darlan «em nome do marechal prisioneiro»...

E o incidente continua no ar, às retaguardas do exército de Anderson a bater-se nas proximidades de Tunes, em camaradagem com as forças francesas do alto comando do general Giraud, a quem, como a Darlan e a De Gaulle, Laval fez tirar, sem efeitos práticos, a nacionalidade francesa.

PARA NOVO HORIZONTE



CUNINGHAM

A esse tempo, o 8.º exército veio aglomerar as suas formações frontais em frente das linhas fortificadas de Romell em El Agheila. A 5, as actividades bélicas por este lado, não envolviam mais que patrulhas. Frações da esquadra anglo-americana de Cuninghame lançavam-se já mais a fundo à caça de transportes marítimos que da Sardenha e da Sicília traziam tropas de reforço a Romell, e a aviação aliada, das bases argelinas e de Malta — «tornada ofensiva» como alegremente clamava agora o seu bravo governador Lord Gort — faria outro tanto.

Os acontecimentos evoluíram, porém, de tal modo que a própria batalha da Tunísia parecia um episódio, a prolongar factos gerais de maior alcance.

Dir-se-ia estarmos num período de formidáveis aprestos e aproches para a fase ou fases supremas da guerra. Desde a Rússia, onde, a esta data, a dupla ofensiva de Timochenko, no Don, envolvendo a sul de Karach as forças de Von Hot, atacantes de Estalinegrado, que re-

petem, assim postas, como há dias escrevia Paulo Holt, o caso de uma «nova Staraya russa», e no quadrilátero de Rzev-Velikiluki-Nevel-Viazma-Rzev, visando a Esmolenco, como a outra a Rostov, e a ambas lançando os alemães grossas reservas de violento anteparo e resistência, até às misteriosas e poderosas concentrações alemãs em tropas e navios em Creta, no sul da Grécia, e na Itália, que já alarmam o próximo Oriente, — presente-se que chegámos a outra volta da estrada, e que tudo urge.

A ida do general Sikorski, prestigioso chefe do governo polaco no exílio, e uma das figuras mais notáveis desta guerra, a Washington a conferenciar com o presidente Roosevelt, como «leader» das que Wilkie chamou pequenas nações aliadas ao reclamar para elas uma declaração de direitos que realmente podem exigir em nome dos seus ingentes sacrifícios — marca bem o acume de um período de transição para decisões militares e políticas de larga repercussão. E nem é de esquecer que a Polónia é e será sempre a leste um baluarte da Europa contra caudais subversivos, nem que o seu mais titulado representante foi levar à Casa Branca a pressa de que se passe a vias de facto.

Mussolini prégou a «necessidade da guerra para os italianos», ao revelar que ordenara a evacuação das grandes cidades da alta Itália, e sem ilusões disse que combater ao lado da Alemanha, numa união «de cada vez mais profunda, torna-se numa maneira de viver em comum». O «Duce» joga tudo pelo todo. E vendo de face o futuro e sentindo a opinião mundial, disse esta verdade:

«Não podemos mais fazer distinções. Os nossos inimigos também não as fazem. Eles querem destruir o Fascismo e sob este nome entendem designar o Nacional-Socialismo, o nosso Fascismo, o Falangismo, todos os Estados e povos que se livraram da ideologia dos imortais princípios».

Churchill, por sua vez, também não deixa alimentar optimismos, embora fite alvoradas que há muito não arraiavam nos céus brumais da velha Inglaterra:

«Uma corrente incessante de boas notícias vindas de todos os teatros de guerra veio colocar o povo britânico em face de uma nova prova. Mostrou que pode aguentar a derrota. Mostrou que pode suportar com confiança e energia longos períodos de inação. Não veio razão nenhuma para nos mostrarmos igualmente decididos e activos em face da vitória. Eu não prometo nada. Não faço quaisquer previsões. Não posso mesmo garantir que os êxitos continuem».

Hitler dispõe ainda de enormes recursos. A guerra submarina não diminui, mas aumenta e pode tornar-se pior, antes de melhorar. A guerra pode vir a terminar na Europa e continuar no Oriente. E prudente não contar com o urso morto, quando êle ainda pula na floresta.

«O alvorecer de 1943 estará em breve perante nós e temos de nos preparar para enfrentar os difíceis problemas do que deve ser um ano difícil e terrível. Assim faremos com a certeza de uma sempre crescente força como nação de vontade forte e coração valoroso e de recta consciência».

E nunca, depois de Dunquerque e do desastre da Malásia, a voz do formidável orador estremeceu de maior comção. No horizonte, o vulto de um Hamlet coberto de luzida armadura, repete o dilema: Ser ou não ser...

Vida Mundial

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração; R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

HISTORIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

(Continuação da pág. 1)

nhava contra a navegação e as suas rotas. Todas as nações da Comunidade britânica, incluindo as mais novas, se mostravam firmemente decididas a colaborar com a população da ilha na realização desse objectivo. A Índia, por seu lado, associava-se, cada vez de maneira mais estreita, ao esforço de guerra da metrópole e o recrutamento dum exército indiano numeroso tinha-se feito com toda a facilidade.

O discurso terminava com um apêlo dirigido aos Estados Unidos e ao seu povo:

«Com o vosso auxilio, dizia elle, em aeroplanos, munições e navios, com a vossa ajuda financeira, que está precisamente agora a ser discutida pelas entidades responsáveis das tesourarias dos dois países, estamos certos de que alcançaremos a vitória. Se dinhardes à nossa retaguarda, não renunciaremos à luta porque temos a certeza de a vencer. É a vós que compete, neste momento, tomar uma decisão e proclamá-la». Nunca até então a Grã-Bretanha apelara de maneira tão clara para o auxilio norte-americano.

LORD HALIFAX, EMBAIXADOR EM WASHINGTON

Dois dias depois, a 13 de Novembro, Lord Lothian morria subitamente, minado pela doença e pela cansaço. Um grande jornal inglês referiu-se ao seu desaparecimento nestes termos: «Durante os dezoito meses em que desempenhou as funções de nosso embaixador nos Estados Unidos, pôs à prova, triunfantemente, os seus vastos recursos de intelligência e de vontade e usou os seus exceptionais conhecimentos sobre os Estados Unidos, os seus costumes, as suas intuições e os seus

chêfes. Mostrou-se sempre franco, compreensivo e acessível.»

É um outro panegirista do falecido embaixador, Sir Edward Grigg, dizia d'ele: «Não era um propagandista vulgar. Estava convencido de que nas relações entre o Império britânico e os Estados Unidos só os factos contavam. Por isso se esforçava para que, na medida dos seus recursos e possibilidades, os factos fôsse conhecidos e compreendidos. É dizer já bastante quando se afirma que elle contribuiu, como poucos, para melhorar essas relações, ficando o seu exemplo na história para elucidação dos dois povos.»

Do «Tuscaloosa», em que viajava, o presidente Roosevelt dirigiu ao rei Jorge VI um telegrama expressivo: «Senti um grande desgosto ao ter conhecimento da noticia da morte do meu velho amigo. Durante quasi um quarto de século habituámo-nos a compreender-nos e a confiarmos um no outro. Se lhe fôsse possível redigir para isso uma derradeira mensagem estou convencido de que elle nos diria a sua confiança e afirmaria que veremos coroados de êxito os nossos esforços para que a liberdade não desapareça do mundo.»

Uma semana depois, tornava-se official a nomeação do novo embaixador que devia substituir Lord Lothian. Era Lord Halifax, que até então sobraçara na Grã-Bretanha a pasta dos Negócios Estrangeiros. Lord Halifax continuava a fazer parte do gabinete de guerra, a cujas reuniões assistiria sempre que viesse a Londres. A categoria da personalidade escolhida e as condições em que se fazia a sua nomeação indicavam, claramente, a importância que o gabinete britânico attribuia à sua representação em Washington.

(Continua)

7 DIAS DE TEATRO

(Continuação da pág. 18)

3.ª Parte: 1.º encontro—A. Cunha e A. Costa. Jogo cauteloso. A. Costa parado, na defensiva, braços caídos, A. Cunha, perna aberta, braço estendido, punhos fechados, agressivo. Alguns murros onde calha, A. Cunha atinge uma cadeira... A. Costa, na defensiva, faz jogo à antiga, com romantismo. É batido em toda a linha. O público ri-se da figura de urso que está a fazer, e não da boa classe do jogador. Ganha A. Cunha ao ponto... que êle!

2.º encontro: B. Júdice e A. Costa «não sabe como começar». B. Júdice inicia então o ataque. A. Costa faz um jogo com floridos e «coloca» alguns sócos no amor próprio, e na sentimentalidade de B. Júdice, que cá, sentado, várias vezes. Reage e ataca, pondo-o «K. O.» com um «beijinho» na testa. O público protesta julgando que é «chiquês», porque A. Costa, é homem para se «bater»... com melhor resultado.

3.º encontro: A. Cunha e B. Júdice. Último «round». Os jogadores denunciam cansaço, fazendo jogo lento, espapaçado. B. Júdice tem várias fintas, e castiga severamente A. Cunha. Numa «reprise» A. Cunha ataca, mas B. Júdice ameaça abandonar o «ring». A. Cunha não consente. Dá-se um «corp-a-corp» sem violência, B. Júdice cede, vê-se que «bem quer mas não pode» e A. Cunha, se não vence, pelo menos convence. O árbitro dá o encontro por terminado com a vitória técnica para B. Júdice.

O público aplaudiu todos igualmente.

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO E IAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário	Ondas médias		
		m. 221.1	
0.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.95
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



— Sim, minha filha: dedica-te a esse rapaz com amor e carinho, porque êle, acima de tudo, tem um ordenado que merece todos os affectos..

Como se vê o carácter na escrita

por CLOTILDE RANDI

O princípio inicial da grafologia, é que temos na escrita o espelho da nossa alma.

Se um observador hábil nos descobri completamente em cada um de nossos gestos, até consumir a paciência, melhor o conseguiria examinando-nos a escrita que é uma série de gestos, os mais exactos e os mais precisos, com a vantagem de ficarem registados permanentemente.

A esta tese fizeram-se algumas objecções.

Diz-se que a escrita varia da infância à adulticia e, até, de momento a momento. Objecções sem valor, porque se estas alterações são profundas é natural que a grafopsicologia as registre e se são superficiais o grafólogo saberá descortinar o carácter através dos traços permanentes. Notasse, ainda, que certas pessoas subim contrafazer a sua escrita, mas falsificam-na com o seu carácter sem possibilidades de enganarem os peritos.

Estas e outras objecções, respeitáveis à teoria, nenhuma importância têm na prática. Ninguém hoje nega este facto: a grafopsicologia é uma ciência de observação que deu as suas provas.

Vejamos alguns dos seus princípios — para acaçar o apetite dos curiosos.

1.º — A experiência revelou um certo número de sinais gráficos.

Estes sinais foram classificados pelo dr. Crepeux-Jamin em sete géneros: a velocidade, a pressão, a forma, a dimensão, a direcção, a continuidade e a disposição dos movimentos gráficos.

Por exemplo, à direcção correspondem a escrita ascendente, significando, psicologicamente, ardor, optimismo ou ambição; à forma diz respeito a escrita angular, reveladora de energia, de dureza ou teimosia, e a escrita arredondada, denunciando bondade, preguiça ou fraqueza. A significação exacta depende dum estudo de conjunto.

2.º — Dos traços gráficos observados, escolhem-se os dominantes.

Quere dizer: estabelecem-se as espécies de escritas mais características num autógrafo empregando, para auxiliar eficientemente a observação, o transferidor, o compasso, o duplo-centimetro, a lupa e, por vezes o microscópio. É um dos lados mais difíceis da análise grafológica: a classificação exacta da escrita dum pessoa.

3.º — Os traços de um carácter, reconhecidos isoladamente, devem ser agrupados em resultantes.

Dois exemplos: fulano corta debilmente os seus — tt, indicio de vontade fraca, e faz grandes movimentos nas bocas das letras, sinal de imaginação viva, resulta desta combinação um temperamento medroso.

Da mesma forma, barras dos — tt — compridas, mostrando vivacidade, grande inclinação da escrita à direita,

marca de espirito apaixonado, traços encurvados e dirigidos à esquerda, prova de egoísmo — denotam, tais sinais gráficos retinidos, acentuada propensão à injustiça.

Nunca um grafólogo se dará por satisfeito, ao concluir um estudo grafológico, sem determinar, com precisão, as resultantes.

Estes breves enunciados, ensinam que a grafopsicologia é, ao mesmo tempo que uma ciência, uma arte sumamente delicada a usar com bastante prudência.

A grafologia presta, a toda a gente, serviços preciosos.

Os exemplos de orientação eficazes por meio da grafo-psicologia, abundam.

A medicina, utilizada por todos, não está mais adiantada que a grafopsicologia. Ora, um bom estudo grafológico não vale menos que uma boa receita médica.

Toda a pessoa que tem quaisquer negócios com um desconhecido deveria, antes de realizá-los, pedir uma análise da sua escrita a fim de saber que carácter tem na sua frente.

É assim, que na França, na Alemanha, na Inglaterra, na América do Norte, procedem correntemente, sem nunca se arrependem, directores de bancos e companhias.

CONSULTÓRIO PSICO-GRAFOLÓGICO

Para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada», iniciámos este consultório. Assim podem enviar-nos espécimes de escritas para análise, acompanhados da rubrica ou assinatura e dum pseudónimo.

Todtaremos a resposta gratuitamente, que será rápida e concisa.

Resposta desenvolvida, só por intermédio do Instituto Grafológico Português.

RESPOSTAS

4.º — Jean Veljean II — Gelfa — Temperamento muito activo, manifestado por uma necessidade de movimento no sentido de deslocação.

Esta actividade é favorecida pela persistência que chega à tenacidade. Bom equilibrio moral. Espirito amavel, acolhedor.

5.º — Eclla — Algés — Carácter sem qualidades sem defectos dominantes, com temperamento vulgar, reflectindo as deficiências do seu ambiente. Por isso, para que pormenorizás? —

6.º — H. M. D. G. — Lisboa — Pessoa excessivamente nervosa, impaciente, insatisfeita, gostando de abrançar muitas coisas ao mesmo tempo por uma necessidade de dinamismo. Temperamento sensível, emotivo. Imaginação fértil, por vezes confusa.



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



A VOZ DE LONDRES

fala e o mundo acredita

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
10.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
12.15.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s) 13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00 (*).....	{ 30.96 m. (9.69 mc/s) 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) (**) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

(**) Esta emissão tem inicio às 21.15 h.

Análises psico-grafológicas para conhecimento de si mesmo e dos outros.

Peça informações ao Instituto Grafológico Português,

Rua Chaby Pinheira, 23, 2.ª. Esq. — Lisboa.



CAIXAS DE MUSICA

EM ESTOJOS MODERNOS

Lindas MELODIAS

Modelos especiais para crianças

O MAIS INTERESSANTE BRINDE

Est. VALENTIM DE CARVALHO

R. Nova do Almada, 97



O general Montgomery dirige, no próprio campo de batalha, a luta contra as forças germano-italianas de Rommel.

(Foto Britanov)



NAS PÁGINAS CENTRAIS DESTE NÚMERO:

A FEIRA DE S. TIAGO
A GRANDE FEIRA RIBATEJANA

Uma reportagem de FERNANDA REIS